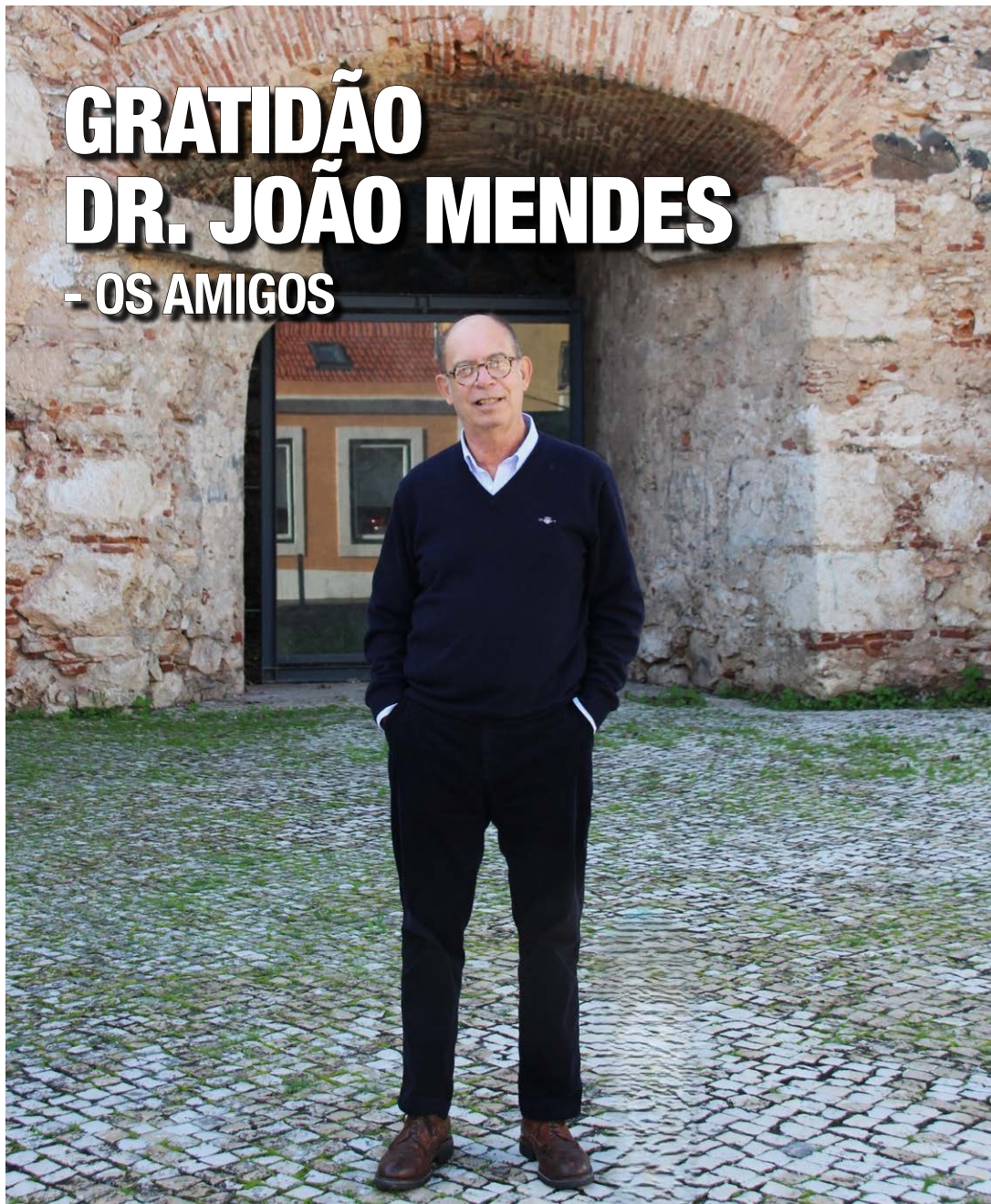


# A Voz de Paço de Arcos

## GRATIDÃO DR. JOÃO MENDES - OS AMIGOS



## ESTATUTO EDITORIAL

1 – A VPA é um jornal bimestral de informação geral na área da cultura e da língua portuguesa, em particular na defesa dos interesses dos habitantes da vila de Paço de Arcos e das localidades circundantes.

2 – A VPA pretende valorizar todas as formas de criação e os próprios criadores, divulgando as suas obras.

3 – A VPA defende todas as liberdades, em particular as de informação, expressão e criação. Ao mesmo tempo, afirma-se independente de quaisquer forças económicas e políticas, grupos, lóbis, orientações, e pretende contribuir para uma visão humanista do mundo, para a capacidade de diálogo e o espírito crítico dos seus leitores.

4 – A VPA recusa quaisquer formas de elitismo e visa compatibilizar a qualidade com a divulgação, para levar a informação e a cultura ao maior número possível de pessoas.



Dr. João Mendes, fotografia de José Mendonça

## FICHA TÉCNICA

**Propriedade:** Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”

**Sede:** Rua Thomaz de Mello nº4 B  
2770-167 Paço de Arcos

**Direção:** Presidente - José M. R. Marreiro  
Tesoureiro - Cândido Vintém  
Secretário - Nelson Carvalho da Silva

**Redação:** Rua Thomaz de Mello nº4 B  
2770-167 Paço de Arcos

**E-mail:** avozpacocarcos@gmail.com

**N.I.F.:** 513600493 | **E.R.C. n.º** 126726

**Depósito Legal:** 61244/92

**Diretor:** José M. R. Marreiro

**Coord. Edição Online:** Renato Batisteli Pinto

**Coord. Edição Papel:** Margarida Almeida

**Editor:** Jorge Chichorro Rodrigues

**E-mail:** jchichorro@avozdepacodearcos.org

**Sede do Editor:** Rua Thomaz de Mello nº4 B  
2770-167 Paço de Arcos

**Revisão e coordenação editorial:** Luís Amorim

**E-mail:** luisamorimeditations@gmail.com

**Impressão:** www.artipol.net

**Sede do impressor:** Rua da Barrosinha, n.º 160  
| Barrosinha Apartado 3051 |  
3750-742 Segadães, Águeda Portugal

**Colaboradores:** Catulina Guerreiro; Cristina Sobral; Eduardo Barata; Emília da Costa; Fátima Pissarra; Francisco Capelo; Graça Patrão; Jorge C. Rodrigues; João Freitas-Branco; José Costa; José Aguiar Lança-Coelho; José Marreiro; José Mendonça; Luís Álvares; Luís Amorim; Luís Morais; Luís Ferreira; M.B.C.; Margarida Almeida; Maria Mendes; Maria Morais; Rogério Pereira; Santos Zoio; Simion Cristea e Tiago Miranda

**Fotografia:** Américo Patrício, Anabela Bento, Carlos Ricardo, José Mendonça, Lina Rock, Luís Amorim, Luís Ferreira, Tiago Miranda e aguarela de Serrão de Faria

**Capa:** Dr. João Mendes, fotografia de José Mendonça

**Paginação:** Andreia Pereira

**Tiragem:** 1500 exemplares

**Online:** avozdepacodearcos.org

**E-mail:** info@avozdepacodearcos.org

facebook.com/vozddepacodearcos

**Publicidade:** josemarreiro@gmail.com

**Tel.:** 919 071 841 (José Marreiro)

**Diretor Honorário:** José Serrão de Faria

**Subdiretora Honorária:** Maria Aguiar



Saudamos os nossos leitores neste final de ano, desejando que tenham passado bem a época natalícia

e que tenham um ano novo com muitas alegrias, com muita saúde e muita paz. O nosso jornal regozija-se por ter cumprido os seus objetivos em 2025 e espera continuar a servir a comunidade com boas e úteis leituras, consolidando sempre a identidade que nos define e nos mantém unidos.

Em novembro e dezembro, organizadas pela Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”, realizaram-se três edições de uma “Mostra de Artes”, duas no mercado de Paço de Arcos e uma no Mercado de Oeiras. Esta “Mostra de Artes”, centrada em escritores, poetas e artistas da nossa região, foi composta por uma Feira do Livro e por uma Galeria de Arte, de Criativos Independentes. Todas as edições decorreram com assinalável sucesso e terão continuidade com a realização de uma por mês, sendo a próxima já no início de janeiro.

A Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos” agradece a oferta de livros variados, de índole literária, histórica e cultural, da parte da família Sousa Chichorro Rodrigues. São mais de um milhar de volumes

que virão ajudar a dinamizar uma biblioteca em Paço de Arcos, a qual já conta com milhares de livros.

Na capa do jornal, os caros leitores irão encontrar a figura do médico João Mendes, uma pessoa muito especial que foi entrevistada para esta nossa edição.

Assinale-se que será lançado em breve o Concurso de Fotografia Oeiras 26. Fizemos votos para que no ano que agora começa sejam lançadas as obras municipais que estão em carteira e cuja falta já se faz sentir há muito tempo.

Com muita satisfação, aqui se regista o início da apresentação ao público, com uma periodicidade regular, de espetáculos de teatro e de cinema no Auditório Municipal José de Castro, em Paço de Arcos. Organizado pela nossa Associação, haverá o ciclo “Cinema do século XXI”, a começar em fevereiro, havendo uma sessão no último domingo de cada mês. Haverá também, sessões semanais, à terça-feira, no Auditório Municipal Maestro César Batalha, nas Galerias Alto da Barra, estando marcado o início destas sessões para 3 de fevereiro.

Registamos também, o 104º aniversário do Clube Desportivo de Paço de Arcos, com a entrega de medalhas dos 75 e 50 anos de associado.

*Jorge Chichorro Rodrigues*

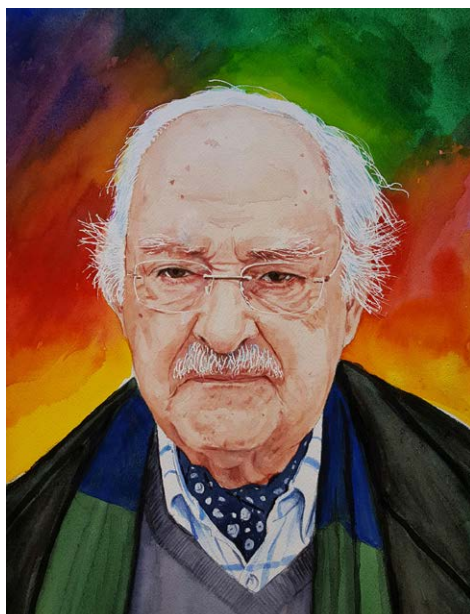


LER ONLINE

**A LIBERDADE DE LER “A VOZ DE PAÇO DE ARCOS”  
NO FORMATO DIGITAL**

**Digitalize o código ou aceda a  
[avozdepacodearcos.org](http://avozdepacodearcos.org)**

**LEIA - ASSINE - COMPARTILHE**



Aquarela de Serrão de Faria

## Rápidas melhoras a Ruy de Carvalho

**A** Direção da Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”, manifesta o seu sentido de solidariedade, e o desejo de rápidas melhoras ao seu Associado de Mérito, o ator Ruy de Carvalho, que se encontra a recuperar de um AVC ocorrido no passado dia 26 de dezembro de 2025.

Ruy de Carvalho, estava a trabalhar no Teatro da Malaposta, em Odivelas, quando foi acometido pelo ligeiro AVC que determinou o seu interna-

mento hospitalar.

Com o renovado desejo de rápidas melhoras, e que o possamos acompanhar, recuperado e a trabalhar, se possível, dado ser, certamente o seu maior desejo, ao completar 99 anos de vida, no dia 1 do mês de março de 2026.

*José Marreiro  
(Pres.Direção)*

# CASA JOÃO

DE JOÃO J. NICOLAU A. SANTOS

Reparação de máquinas de costura  
de todas as marcas

Fanqueiro, Retroseiro e Têxteis Lar

Rua Costa Pinto, 103 – Tel. 21 443 2256 – Telem. 93 970 4774 — 2780-582 PAÇO DE ARCOS



## Do Centro Histórico ao Mercado Municipal de Paço de Arcos

**C**omeçamos no Centro Histórico de Paço de Arcos, junto aos Fornos da Cal. Local histórico, pois aqui se produzia a cal para a construção de edifícios no concelho de Oeiras, e concelhos limítrofes, nomeadamente no concelho de Lisboa, para onde era transportada por navio, que saindo do porto de Paço de Arcos, rumava aos portos de Belém e do Terreiro do Paço, entre outros.



Foi nesta zona que o lugar dos Arcos se fez Vila, e adotou o seu novo nome, Paço de Arcos, após a construção do seu belo Palácio com arcos, e que atualmente alberga o excelente Hotel Vila Galé.

A existência do referido porto, e a sua costa recortada em enseadas com as suas praias, atraem as diversas atividades, com o rio e com o mar. Assim, o transporte marítimo e a pesca sempre foram as grandes aglutinadoras da população residente. Com o desenvolvimento, tudo tem mudado, o transporte marítimo acabou, e a pesca está reduzida ao mínimo.

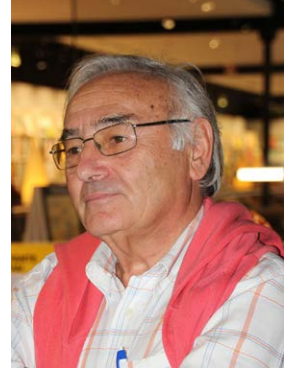
Em anteriores números do jornal, demos atenção a paço dearquenses ilustres que continuam, embora em escala reduzida, a

ir ao mar que tanto amam. Recordemos o Sr. Dionísio e o Sr. José da Quinta.

Foi neste cenário que nasceu, e continua a habitar, o nosso entrevistado deste número, o Dr. João Mendes, cuja ligação ao mar se mantém, como desporto e lazer, e também aos muitos amigos que fez nesta atividade, ao longo da sua vida.

Mas, para que saibam quem é o Dr. João Mendes, sugiro a atenta leitura da entrevista, que nos deu, conduzida por Margarida Almeida, e que está logo a seguir a estes Caminhos.

Vamos então iniciar o nosso Caminhos, partindo dos Fornos da Cal, vide foto de José Mendonça com a entrevistadora, e seguimos pela Rua dos Fornos, onde, no nº 19, nos deparamos com a inauguração de um novo espaço de restauração e convívio, o Club des Chateaux Wine Bar, onde os vinhos franceses são a sua especialidade.





A decoração é muito interessante, aproveitando as paredes antigas, com a gaiola pombalina.

A rica oferta de restauração na zona fica ainda mais rica com este novo e moderno projeto.

A Rua dos Fornos está a renovar-se, com vários prédios recuperados ou em recuperação. Outros há, no entanto, que aguardam a sua vez, casos da sede do CDP, que precisa de obras de vulto, que estão dependentes da aquisição do prédio por parte da CMO, e o tão importante edifício para a história de Paço de Arcos, a Casa dos Cacetes, cujas obras de renovação iniciadas há já vários anos se encontram paradas, por razões técnicas e judiciais, segundo nos consta.



Entramos na Rua Costa Pinto, e voltamos à nossa esquerda, em direção ao Mercado Municipal. Mercado construído nos

anos 40 do século XX, que atravessa um momento menos bom, os mercados deste tipo perderam muita da sua clientela, que forçada pelas condições de vida moderna, optam por espaços comerciais concentrados e com estacionamento. É a falta de estacionamento a grande queixa presente no descontentamento da maioria dos comerciantes que ainda se mantêm em atividade. Alguns novos projetos vão surgindo nas lojas que vagaram, como a Fábrica das Papinhas do Sebastião, onde era a padaria, o atelier Chefe Miguel Oliveira, pastelaria, onde era um talho, a Tabacaria e Papelaria da Vila, a loja Gourmet e a Mercearia Bio que ocupam bancas na praça. No primeiro andar do edifício, funciona a Delegação de Paço de Arcos da UFOPAC, antiga junta de freguesia.

Numa parte livre do mercado, a Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos” iniciou no passado mês de novembro, uma atividade, que se prolongará ao longo do próximo ano, tendente a atrair público a este espaço, e que consiste em Mostras de Arte, com artistas locais, na sua maioria, que apresentarão as suas obras nas diversas artes a que se dedicam, nomeadamente, literatura, já que teremos muitos escritores aderentes, pintura, fotografia, escultura, e outras que se mostrem consentâneas com o local e o objetivo definido.



Continuamos pela Rua Costa Pinto, e vimos para a Rua Dionísio dos Santos Matias, onde logo na esquina, temos o Jardim-de-infância, do NIB - Núcleo de Instrução



e Beneficência. Antiga instituição que muitos altos serviços têm dedicado às famílias de Paço de Arcos, e não só, e cuja história, brevemente, traremos às nossas páginas.

Mesmo ao lado, temos a Escola Básica do 1º Ciclo Dionísio dos Santos Matias, outra instituição muito importante, também com forte impacto na vida da Vila e que, igualmente, falaremos em nova oportunidade.

Seguimos em direção à Rua Luciano Cordeiro, escritor que frequentava Paço de Arcos, para férias, sobretudo, e que cá escreveu um dos seus importantes livros, conforme placa que se encontra no prédio onde viveu, na Rua Costa Pinto.

Esta artéria tem a particularidade de acompanhar a linha de caminho-de-ferro, e no outro lado da linha, temos a Rua Lino de Assunção, que estão ligadas por um túnel que atravessamos, após percorrermos



a Rua 1º de Maio, onde está em construção uma moradia no terreno onde o “Escarracha” tinha a sua adega que muitos dos nossos leitores conheceram.

Passamos junto da casa onde viveu José de Castro, e também, junto ao prédio, onde no 2º andar Drº, viveu a nossa querida colaboradora Maria Aguiar e a sua família, de que destacamos o nosso colaborador, seu filho, José Aguiar Lança-Coelho.

Uma vez, no lado norte da linha do caminho-de-ferro, Rua Lino de Assunção, como disse, seguimos pela Rua Carlos Bonvalot, onde na esquina, temos um prédio recuperado e onde funciona o estabelecimento de



AL, Bonvalot Guest House. Em frente, visitamos a sede social da Associação Popular de Paço de Arcos, instituição que presta grande serviço à população com a sua creche e atividades culturais e de lazer.

Prosseguimos pela Rua Lino de Assunção, passamos à porta do externato A Mi-



nhá Escola, da Agência de Certificação - EBI-Eco Business Innovation, e na esquina da Rua José Moreira Rato, temos a Casa de Repouso de Paço de Arcos, que faz parte do complexo da Clínica da Linha que ocupa as antigas instalações da clínica do Dr. Indíveri Colucci, que permanece através da Associação com o seu nome.

Daqui, seguimos para a Estação de caminho-de-ferro, que faz parte do projeto ambicioso PIPA (Plano Integrado de Paço



de Arcos), que pretendia ligar vários transportes no mesmo local, o comboio, a camionagem, o SATU, e os táxis, e que não foi concluído, pois a central de camionagem teve de ser transformada em estacionamento da Parques Tejo. O SATU está há muitos anos parado, após um período de funcionamento que não chegou a afirmar-se como meio de transporte preferencial, pois só foi construída a primeira parte das três previstas. Está anunciada uma pretensão de voltar a funcionar em novos moldes, com novas tecnologias e fazendo parte da rede de transportes intermunicipal. Projetos a que prazo? O futuro dirá.

Descemos à Av. Senhor Jesus dos Navegantes que nos devolve ao centro da vila, passando pelo Centro Cultural José de Castro. No 1º andar deste edifício, funcionam os Serviços de Saúde Mental do Ministério da Saúde.

Continuando a descer, temos à direita o Pingo Doce, e à esquerda a Igreja da Sagrada Família. Voltamos à direita, Rua José de Oliveira Raposo, e chegamos ao nosso destino, ao Mercado Municipal de Paço de Arcos.

Que o novo ano nos proporcione muita saúde para percorrermos novos Caminhos, com segurança e com a alegria que o escrever, ou ler, nos dá, quando o fazemos por gosto, bom ano, muitas felicidades.

*Texto: José Marreiro*

*Fotografia: José Mendonça*

## Dr. João Mendes: o médico que ilumina a vida dos seus doentes

**A** Voz de Paço de Arcos (adiante AVPA) entrevista hoje o médico que faz a diferença na vida dos habitantes de Paço de Arcos: o Dr. João José Passos Alves Mendes, Dr. João Mendes para todos (adiante JM). A nossa entrevista é entrecruzada pelas palavras de amigos e pacientes que por ele nutrem um indizível carinho e respeito. Alguns afirmam simplesmente: o Dr. João não cabe nas palavras que possamos dizer!

Vamos então apresentar este distinto profissional de saúde e ser humano de excepção, através do olhar do amigo de sempre com quem partilha a paixão do mar: Américo Patrício, Director do Centro Náutico de Paço de Arcos, entrevistado no anterior número do nosso Jornal:

*“Falar do doutor João é fácil e ao mesmo tempo difícil - fácil porque é impossível não admirar o ser humano e o profissional incrível que ele é, e difícil porque é tanta coisa boa para dizer que a gente nem sabe por onde começar! Ele é mais do que um médico para a gente aqui na Vila - é um amigo, um conselheiro, e às vezes até um psicólogo nas horas difíceis. Sempre com o coração aberto, ele atende todo o mundo com carinho e faz a diferença na vida de quem mais precisa. Ver ele sendo reconhecido hoje é um orgulho enorme para todos nós. Obrigado, doutor, por cuidar da nossa gente com tanto amor e dedicação!” - Américo Patrício*

Profissional experiente, fiel ao juramen-

to de Hipócrates e preocupado com a saúde e o bem-estar de todos que o procuram, não se limita ao diagnóstico e à doença, vai mais além numa abordagem holística, olhando o paciente como

um todo: contexto social e familiar, condições económicas, hábitos de vida, gostos, respeitando a individualidade de cada um.

É senhor de uma gargalhada saborosa, tem sentido de humor. É acolhedor, disponível dia e noite, sensível à situação económica dos que o procuram e à fragilidade dos mais idosos. Os depoimentos que ouvimos realçam a visão humanizada da relação do Dr. João Mendes

com os seus doentes. Uma visão centrada no indivíduo que contrasta com a visão mercantilista que exclui uma parte significativa da população.

Cirurgião cardiotorácico com uma longa carreira hospitalar, exerce clínica geral na Vila que o viu nascer. Chegado o tempo da aposentação, a porta do seu consultório continua aberta para todos os que o procuram.

**AVPA – Nasceu em Paço de Arcos a dois passos do rio Tejo. A comunidade local funciona como uma família alargada, todos se conhecem e apoiam, todos amam a vila, o rio a entrar pelas ruelas, o sol, as praias que frequentam des-**



Dr. João Mendes  
- Foto de José Mendonça



Joãozinho com o Pai João e a Mãe Mené

- Foto Arquivo de família

de meninos...

*A lindíssima vila de Paço de Arcos é um amor para a vida? Qual é a mística, a magia desta terra, o que é que tem de tão especial para ser tão amada por todos?*

**JM** – Paço de Arcos é um amor para a vida, um amor que não se explica, parece que é mesmo uma mística. Começou por ser a tal família alargada, depois foi crescendo com o J. Pimenta (Bairro Comendador Joaquim Matias). Quando eu nasci, há 70 anos, éramos efectivamente uma família numerosa! Infelizmente, deste núcleo, já estão cá poucos...

Nasci no número 122 da Rua Costa Pinto, a traseira da nossa casa tinha vista para o Tejo. Uma beleza que não encontra em nenhum outro lado, pode procurar, não encontra nada assim. Não sei explicar a ligação a este lugar, nasci aqui, está em mim, é um sentimento forte, natural. Faço toda a minha vida a pé, tudo fica perto, conheço toda a gente, todos me conhecem.

Em 70 anos de vida, só vivi fora de Paço de Arcos por motivos profissionais: sou médico, cirurgião cardiotorácico e, há cerca de 38 anos, estive cinco meses a trabalhar em Madrid, a fazer um estágio com recém-nascidos de baixo peso. Vivi ainda vinte meses no Alentejo, no Redondo, destacado no

Serviço Médico à Periferia, programa criado após a Revolução do 25 de Abril.

*“Conheço-o desde sempre. Somos primos de sangue, em segundo grau. É um irmão, admiro-o muito como pessoa e como médico. Admiro sobretudo o grande, enorme coração que ele tem. Tive sempre muito orgulho nele” – Nini (Gabriela Duarte Carles)*

**AVPA** – *A maioria de nós deixou para trás o local onde nasceu, as nossas memórias. Consi-go é tão especial, aqui nasceu, aqui reside, aqui exerce medicina, sempre no eixo do Centro Histórico da Vila: da casa da primeiríssima infância à casa onde hoje reside, o consultório. Aqui estão também alguns dos amigos de sempre, o seu Clube, o rio que o viu nascer, o Jardim de Paço de Arcos, onde brincou, que privilégio este!*

**JM** – Morei na casa onde nasci até ao dia seguinte a completar quatro anos. E esta casa onde nós estamos agora, era dos meus avós, tem muitos anos, nem sei quantos. Fiz obras, é um espaço com muita luz, é também uma ligação ao passado, é muito gratificante esta envolvimento. Vivi no largo do Cinema, perto do clube, da janela da minha casa via o meu consultório. Morei ainda no prédio onde é o clube, no último andar. Tinha uma vista fantástica! Era arrendado, quiseram fazer obras, penso que para fins de turismo local, vim para esta casa onde estão vivas as minhas raízes, é um sentimento bom.

Mesmo o Bairro do J. Pimenta (Bairro Joaquim Matias) que, no fundo, é um acrescento da vila, está pertíssimo da praia, tem uma vista fabulosa para o rio, para o Farol do Bugio...

**AVPA** – *Que memórias guarda de uma infância despreocupada, da família numerosa, das*



*Joãozinho na varanda da casa onde nasceu  
- Foto Arquivo de Família*

*brincadeiras com os primos e os amigos, dos verões da sua juventude, dos dias mágicos na praia...*

**JM** – Tive uma infância feliz. Sou filho único, mas fez-me muita falta um irmão. O Verão era longo, quase vivíamos na praia, horas infindáveis à beira-mar com a família e os amigos. A Praia da Giribita foi a minha praia desde pequeno, era para lá que íamos por escolha da minha Mãe! Outras famílias preferiam a Praia Nova ou a Praia dos Pescadores. Tenho memórias felizes daqueles dias, havia muita gente, a brincadeira era muito melhor do que é hoje, não havia telemóveis...

**AVPA** – *A vocação para a medicina foi precoce? Foi sempre esta a sua escolha, servir os outros? O Dr. Castro e Silva influenciou-o muito, um médico ainda hoje respeitado e amado. Não cobrava as consultas e ainda disponibilizava gratuitamente os medicamentos aos pacientes. Não sei se sabe, compararam-no a ele, a mesma forma humanizada de tratar os doentes, os mesmos valores.*

**JM** – Quando era miúdo queria ser bombeiro, todos queríamos, fazia parte do nosso imaginário. A minha escolha, a medicina, despertou cedo, por volta dos 14, 15 anos.

O Dr. Castro e Silva teve uma enorme influência na minha escolha, convivi muito

com ele, considero-o uma pessoa fora do normal, excepcional. O meu modelo de exercício da medicina inspira-se nos seus valores, no seu exemplo.

*“Conheci o Joãozinho na quarta classe. Era um dos melhores alunos. Depois, nunca nos tendo “dado” muito, encontrava-o de vez em quando no jardim de Paço de Arcos, onde o via geralmente rodeado de um grupo de amigos e cumprimentávamo-nos com um sorriso. Era este o nosso relacionamento.*

*Há cerca de 10 anos, tive um problema de saúde. Precisando de uma consulta urgente, disseram-me que o Dr. João Mendes tinha um consultório em frente ao antigo ringue no jardim. Fui lá, e depois de com a sua competência profissional me ter observado e indicado o que teria de vir a fazer, perguntei-lhe quanto é que lhe devia.*

*Resposta pronta: “És parvo ou quê?” Vim mais tarde a saber que mais de metade das consultas ali prestadas eram “à borla”. Percebi que estava perante um Ser Humano, que juntava à sua frontalidade um “enorme coração”. Ficou com mais um admirador e entendo que é um daqueles seres “em vias de extinção”, que merece o reconhecimento e agradecimento da sua comunidade. É uma Pessoa de Valor.”*

- Paulo Ferreira, poeta e músico, amigo da 4ª classe.

**AVPA** – *Voltemos à infância, à escola: era o Joãozinho, um menino aplicado, muito bom aluno, muito inteligente. Ainda guarda amigos desses dias...*

**JM** – Sim, era bom aluno. Dizem muito bem de mim, mas olhe que também tenho defeitos... (Pedimos-lhe para indicar um defeito, um só! Fez-se silêncio, pensou, pensou e não saiu nada! É oficial: o Dr. João Mendes não tem defeitos!)

Tive sempre a mesma professora durante os quatro anos da escola primária. Brincava com a malta, com os miúdos que ainda hoje continuam aqui, alguns saíram e voltaram depois. O importante é que, sempre que é necessário, nós juntamo-nos.

**AVPA – Aos 14 anos, sonhou ser médico, aos 17 teve a certeza de que era esse o caminho. Nunca encarou outra possibilidade?**

**JM –** Nunca encarei qualquer outra opção! Fiz exame de admissão à Universidade, mas não fui logo ver as notas. Quando, finalmente, ia consultar as pautas, os meus colegas, espantadíssimos, informaram-me que já tinham acabado as orais! Felizmente tinha dispensado, caso contrário, teria ficado pendurado durante um ano.

**AVPA – Veio depois a Universidade, uma nova vida...**

**JM –** Tive a vida de estudante habitual naquela época. Já era um pouco politizado, foi o desabrochar para outra realidade...

Quando aconteceu Abril, eu estava no 3º ano de medicina. Foi um dia muito bonito! O Curso de Medicina, contrariamente ao que aconteceu com outros cursos, não parou. A Associação de Estudantes continuou a funcionar, estivemos sem aulas apenas uma, duas semanas, depois continuámos a trabalhar, estava tudo muito bem oleado...

Acabei o curso em 1978, o SNS ainda não estava no terreno e mergulhei logo num projecto que fazia sentido e que, penso, continua a justificar-se: refiro-me ao Serviço Médico à Periferia, serviço que destacava jovens médicos para o interior rural, a fim de darem apoio às populações que nunca tinham tido acesso a cuidados de saúde.

Foi uma experiência muito positiva! Em

primeiro lugar, nós *desemburrávamos* e ajudávamos as pessoas que não tinham qualquer tipo de assistência médica, chegavam a ir ao consultório apenas para verem um médico, o que era impensável. Hoje interrogo-me como era possível viverem sem apoio médico.

Recuando no tempo, diria que hoje a medicina faz uma abordagem centrada na vertente financeira. Naqueles dias, nós íamos para o terreno muito verdes, estudávamos imenso, consultávamos muitos doentes, éramos muito interessados. Víamos a medicina mais como uma entrega do que como uma mera profissão. Foi uma experiência fantástica, vinte meses de grande aprendizagem.

Estava habituado a Paço de Arcos, fui parar ao meio rural, vivi o choque de uma realidade de pobreza extrema, muito diferente da que conhecia. Faz muita falta implementarmos um programa idêntico ao Serviço Médico à Periferia, resolvia-se o problema dos médicos de família. Nós aceitávamos bem esta obrigação, já sabíamos que eram oito meses de saúde pública, mais um ano de saúde na periferia.

Nessa fase, já não éramos tutelados, éramos independentes com 24 anos, imagine só! Não havia TACs, ressonâncias, era complicado chegar ao diagnóstico. O raio x simples era feito à mão: tínhamos de ver e apalpar o doente. O diagnóstico era mais demorado, o contacto com o doente era maior; também se morria mais cedo, havia mais hipóteses de errar.

**AVPA – Porque escolheu a especialidade cardiotorácica?**

**JM –** Gostava do coração, gostava da cirurgia, juntei os dois mundos e o pulmão veio

por acréscimo. Na época, tínhamos as duas especialidades, se fosse hoje seria cirurgia cardíaco, eu aprendi também a cirurgia pulmonar.

**AVPA – Tem ideia de quantas pessoas terá salvo?**

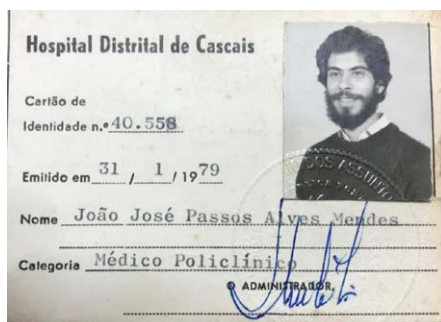
**JM –** Não, de todo. Aqui em Paço de Arcos, onde sigo a vida das pessoas, sei que “mato” pouco (gargalhadas), na cirurgia hospitalar nós operamos e perdemos um pouco o rasto do doente. A operação correr bem era um bom indicador.

**AVPA – Como é a perda de um doente? Como se vive com ela?**

**JM –** A perda? Muito dura, ainda hoje tenho dois ou três doentes que me acordam de noite e já passaram 40 anos! Acordam-me porque poderão ter morrido por erro meu. Essas coisas não se esquecem. Errar em cirurgia cardíaca não é muito difícil; nestes casos concretos, penso que poderei ter feito a opção errada. O erro médico acontece, é humano. Ainda hoje acordo a pensar naqueles doentes. É terrível, temos várias opções e optamos por uma delas no pressuposto de que é a melhor escolha para aquele caso particular. Depois, instala-se a dúvida que dói: e se tivesse feito de outra forma, o doente ainda cá estaria? Nunca saberemos a resposta.

**AVPA – Como se desenvolveu a sua intensa carreira hospitalar? Trabalhou sempre em hospitais públicos?**

**JM –** Trabalhei sempre em hospitais públicos: Hospital de Cascais, Hospital de Santa Marta. Não se colocava outra opção, praticamente todos os hospitais eram públicos. Só agora trabalho no privado.



*Jovem estagiário no Hospital de Cascais*

**AVPA – As diferenças entre o exercício da medicina dos seus primeiros anos e a medicina actual são óbvias: a revolução da digitalização, a inovação tecnológica, os robots, a inteligência artificial, os meios auxiliares de diagnóstico que permitem a prevenção antecipada de doenças e, por vezes, o tratamento precoce. A relação médico-doente alterou-se também?**

**JM –** Sim, muito. Hoje temos muito a preocupação de registar as queixas do doente no computador. Deveríamos tentar perceber o que o doente tem, ele não é apenas um conjunto de doenças, é uma pessoa fragilizada, com queixas, e é importante perceber o contexto do todo. Faz falta entender o doente, falar com ele, perceber a relação que tem, não apenas com a doença, mas com o mundo à sua volta. Se o fizermos, poderemos chegar mais facilmente ao diagnóstico. Continuo a acreditar que esta metodologia permite perceber melhor a doença. Esta abordagem não colide com o papel fulcral dos meios auxiliares de diagnóstico.

**AVPA – É esta dimensão humanizada e próxima que transforma a vida dos seus doentes. É “fora do normal” como o Dr. Castro e Silva, daí os elogios sem fim que lhe fazem. Alguns pacientes/amigos dizem-nos simplesmente:**

falar do Dr. João? Como, se não há palavras para o descrever?

“Falar do Dr. João ou do Dr. São João? É um benemérito, o pai dos pobres, como o Dr. Castro e Silva. Dá consulta e não cobra aos amigos, aos velhotes, aos mais necessitados. Está sempre disponível, é o *suprassumo da Humanidade*, como pessoa, como profissional! Uma pessoa excepcional, de grande humanidade. É um espetáculo. Os médicos podem falhar o diagnóstico, mas, tantas décadas a atender doentes, não consta que o Dr. João tenha alguma vez errado um diagnóstico, acerta sempre”. José da Quinta, amigo, entrevistado no nosso Jornal nº 45, de Fevereiro de 2023.

**AVPA** – É um reformado muito pouco reformado. Dá consultas regulares, faz banco uma vez por semana, cumpre horários. Continua viva a missão da sua vida: tratar da saúde dos outros? Os paço-de-arquenses devem ter um coração fantástico. Não posso fazer muita publicidade, pode ser inundado com pedidos de consultas...

**JM** – Não há esse perigo, podem ir, o meu consultório é calmo.

“Descrever o Dr. João Mendes? Como, se não há palavras para o fazer? Aquele homem é o melhor entre os melhores. É a melhor pessoa que conheci em toda a minha vida. Se eu quiser pagar a consulta, diz-me:

- Esteja quieto! Não diga nada, que me ofende!

É assim, toda esta simplicidade. Preocupa-se com os doentes e isso diz tudo.” - Fernando Augusto Carneiro, Amigo.



Com a filha Maria Maria na Ilha da Antígua

- Foto Arquivo de Família

**AVPA** – Estamos assustados com o problema da sustentabilidade do SNS. A saúde é uma questão prioritária para todos. É um direito, somos nós que a pagamos, a totalidade do IRS que nos é cobrado vai direitinha para o seu financiamento; exigimos ser tratados atempadamente, com qualidade e dignidade.

Temos a sensação de que as instituições que considerávamos sólidas estão a ruir. Na saúde, faltam recursos humanos e financeiros, vagas hospitalares de especialidades nevrálgicas ficam por preencher, os serviços de urgência estão

à beira da ruptura, o encerramento de serviços de obstetrícia e neonatologia ao fim-se-semana envergonham-nos. Como aceitar o nascimento dos nossos bebés em condições indignas, como aceitar a subida das taxas de mortalidade infantil, como aceitar fraudes de milhões de euros praticadas pelos que deveriam ser os primeiros a defender o SNS?

**JM** – Está a ver, temos tantos hospitais e não estão a funcionar como deveria ser. A falha é do sistema, há que o fazer funcionar. Nas vagas hospitalares a preencher, ficaram desertas especialidades essenciais para o funcionamento dos serviços de urgência, designadamente na área do intensivismo, uma das mais belas vertentes da medicina. Tenho dois filhos, um tem esta especialidade – não existia em Portugal, fez estágios nos EUA e em países da Europa, voltou quando foi criada; a minha filha é pediatra com a vertente de

intensivista, são os dois muitos focados nesta área.

### **AVPA – A sustentabilidade do sistema está garantida?**

**JM** – Não, não está garantida, mas temos de trabalhar, lutar para que assim seja. As urgências estão sobrelotadas, os hospitais, para não encerrarem, recorrem a médicos tarefeiros, sendo que tratar um doente não é propriamente uma tarefa. São médicos externos ao Hospital. Considero ser da maior relevância resolver o problema do preenchimento das vagas de Medicina Geral e Familiar, Medicina Interna e Medicina Intensiva, especialidades fulcrais para o bom funcionamento dos hospitais. A mentalidade dos médicos terá de mudar, têm que assumir mais funções.

O Juiz Carlos Alexandre vai chefiar a Comissão de Combate à Fraude no SNS, fraude que, calcula-se, atinge montantes de cerca de 800 milhões de euros por ano. Vamos ver se ele consegue fazer esta poupança, são muitos milhões que serão canalizados para o SNS. É um profissional muito conceituado, esperemos que tenha sucesso.

### **AVPA – Como vê o papel dos hospitais privados, sendo certo que a maioria dos doentes não tem condições para aceder a estas unidades?**

**JM** – Quando comecei nesta vida, havia a Clínica da Reboleira, a CUF e a Cruz Vermelha, três instituições de saúde privadas. Hoje temos os Hospitais dos Lusíadas, o Grupo CUF, o Grupo LUZ, o Grupo Trofa. Talvez recorramos demasiado ao médico:



*Dr. João Mendes com os Pais  
- Foto Arquivo de Família*

antes doía-nos a garganta, tomávamos uns comprimidos. Hoje pensamos que nos vai doer a garganta e vamos a correr ao médico... Os que vão ao privado, fazem uma TAC, uma ressonância para terem a certeza de que o que têm é nada! Os que vão parar às urgências dos hospitais públicos esperam longas horas para serem atendidos. Os hospitais privados complementam os hospitais públicos, mas não os substituem, quando temos um problema

grave recorremos aos hospitais públicos e não aos privados.

Tive uns problemas de saúde e os meus filhos insistiram para ir à consulta de uma colega no Hospital da Luz. Lá fui, inesperadamente foi-me diagnosticada uma neoplasia no pulmão, era urgente ser operado. Recorri ao Hospital de Santa Marta, retiraram-me uma parte do pulmão, correu muito bem. Nunca mais fumei, canso-me mais, não posso velejar sozinho, mas o que importa é que estou bem e que o caso não era tão grave como parecia ser.

Veio depois um problema grave nos rins. Nova operação, uma vez mais no Hospital de Santa Marta, também correu muito bem.



*Dr. João Mendes visto por um amigo  
- Foto Arquivo de Família*



*Dobrando o Cabo Espichel*  
- Foto de Américo Patrício

Recentemente, o Presidente Marcelo sentiu-se mal: para onde foi ele? Rumou ao Hospital de São João, no Porto, foi-lhe diagnosticada uma hérnia encarcerada, foi operado de urgência. A gran-

de maioria das pessoas recorre aos hospitais públicos em casos mais sérios.

**AVPA** – *Há mais vida para além da medicina: a família, os filhos, cinco netos, o convívio com amigos de sempre, a paixão pelo mar, pelos barcos, pelos passeios no Tejo... É assim?*

**JM** – Sim, a vida para além da medicina é óptima, mas a vida com medicina também é óptima!

O mar é uma paixão desde miúdo, dedico-lhe muito tempo. Hoje já não é tanto assim, fazia vela, passava dias a velejar. A minha filha Maria adora vela, vamos juntos para o mar. O meu filho também gosta, mas tem menos entusiasmo do que a irmã. Ela leva os três filhos para o mar, para eles é uma festa andarem de barco. O João tem dois filhos, tenho cinco netos. Gosto muito de estar com eles, de almoçarmos ou jantar-mos juntos.

Canso-me mais como já referi, receio ir sozinho no meu barco, vou com amigos, muitas vezes com o Américo Patrício. Como não amar o mar? Desde miúdo que vivo à beira-mar, todos os anos passava três meses na praia, de 10 de Junho a 30 de Setembro. Andávamos à pesca, brincávamos

no mar, nadávamos, era uma alegria imensa. Guardo memórias maravilhosas daqueles longos dias de Verão! Em cada esquina, um amigo à minha espera.

**AVPA** – *O Dr. João é discreto, humilde, não faz uso do muito que dá à sua comunidade. Fica comovido com os depoimentos que lê. Confessa que não tinha noção da dimensão deste bem querer dos seus pacientes e amigos, não imaginava que gostavam tanto dele.*

*Vamos terminar com mais um depoimento:*

*“O Dr. João é uma jóia de Homem, a todos os níveis. Cinco estrelas como ser humano e como profissional. Atende todo o mundo, preocupa-se muito com os doentes. Fica incomodado quando queremos pagar a consulta. Faltam-me as palavras, é demasiado grande para nelas caber. Muito prestável, muito humilde, é o Pai dos Pobres. Como médico, pela minha experiência numa situação de doença que vivi, diria que não há, não pode haver melhor. É atencioso, disponível de dia e de noite. – Dionísio Andrade, entrevistado no nosso Jornal nº 53, Junho de 2024*

Em nome do Jornal “A Voz de Paço de Arcos”, muito obrigada pela disponibilidade, Dr. João Mendes. Faço nossas as palavras do seu amigo, Américo Patrício:

*Obrigado, doutor, por cuidar da nossa gente com tanto amor e dedicação!*

*Terminamos a entrevista e vamos beber um café ao histórico Clube Desportivo de Paço de Arcos. Somos atendidos pelo Sr. Pires, pergunto-lhe se também conhece o Dr. João Mendes.*

*Olha-me com espanto: - Claro! Todos o conhecem! Sabe uma coisa? É o único cliente que nunca paga o café, nós não permitimos...*

Margarida Maria Almeida  
(escreve de acordo com a antiga ortografia)

## João Alves Mendes Amigo nobre, preso à minha alma

**N**um tempo de decaimento, como este nosso presente, em que na relação do eu com o outro, prevalece a antipatia em detrimento da simpatia e da empatia, em que ódio, desprezo, violência, egoísmo se mesclam com a cretinização e a estupidez colectiva, gerando ruído destrutivo, em época assim, a manifestação da Bondade numa atitude comportamental que a materializa é coisa que adquire dimensão de excepcional relevância.

É desta atitude que o meu querido e velho amigo João Alves Mendes foi e é exemplo no seu modo de estar na vida, oferecendo continuada e generosa dedicação ao outro. É-o em coerente articulação com uma concepção do mundo progressista, instituidora da fraternidade, da justiça e do dever de servir como valores dominantes.

É esta a singular nobreza do seu eu-essencial; porque o nobre é aquele que serve, é o sujeito que quer e sabe servir.

É assim que no seio de uma comu-



nidade, uma pessoa se torna um bem precioso. Factor de manutenção da saúde civilizacional.

O esculápio João que aqui evoco não é só amigo meu, é amigo de todos os que lhe solicitam ajuda. Escutai então o conselho de Polonius:

*«Aqueles amigos que tens [...], prende-os  
à tua alma com aros de aço»  
Shakespeare, Hamlet, 1.3.*

Obrigado, meu querido Joãozinho!

*João Maria de Freitas-Branco  
(escreve de acordo com  
a antiga ortografia)*

### CONTACAXIAS

*Organização e Gestão de Empresas, Lda*

#### PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE:

CONTABILIDADE  
IMPOSTOS (IRS, IRC, IVA, ETC.)  
PROCESSAMENTO DE SALÁRIOS E SEGURANÇA SOCIAL  
PROJECTOS DE INVESTIMENTO  
AUDITORIA

Rua Ernesto Veiga de Oliveira, 18 D 2780-052 Oeiras

Telf. 214461740/8 \* Fax 214461749

## A minha avó Mené

**A** minha avó Mené é tão especial que teve que nos deixar no dia em que nasceu.

A minha avó Mené foi o sorriso que me acordou todas as manhãs (mesmo durante o mau feitio da adolescência), e o sorriso que me recebeu da escola todas as tardes.

Foi o bacalhau com grão e o cozido de domingo, os bifes sola de sapato e o frango assado do Pingo Doce. Foram os biberões com papa e Nesquik ao pequeno almoço, os *croissants* mistos e os batidos de manga ao lanche, mas também a pescada cozida com legumes da marmita do almoço. A minha avó avaliou moedas na Casa da Moeda e foi técnica de contas na Câmara de Oeiras. Foi a minha polícia dos trabalhos de casa e a minha detective cúmplice, a procurar os dentes engolidos.

A minha avó cuidou de todos: da mãe, das tias, do marido, do filho, dos netos, até de bisnetos, sem se aperceber, e de qualquer pessoa que batesse à porta. A minha avó foi a rainha velha das piadas porcas e das malandrices, e enchia de risos qualquer sala onde estivesse, mes-



mo depois dos 90. A minha avó Mené, do alto da sua demência, foi o abraço que me acolheu quando o meu avô morreu. Foi o brilho nos dias alegres e o conforto nos dias tristes.



A minha avó Mené foi tantas coisas e viverá sempre em mim, não só nas pareências físicas, mas em tudo o que envolva amor. Porque ela é o amor no seu estado mais puro e o altruísmo em forma de pessoa.

E se me perguntarem porque é que ela decidiu partir no dia de anos, eu não tenho dúvidas. Ela não queria dias tristes. E assim, a recordá-la, o dia que poderia ser o mais triste do ano, será sempre o mais alegre.

*Maria Maria Mendes*

*A minha avó Maria Manuela da Conceição Passos Alves Mendes faleceu no passado dia 26 de agosto.*

*À semelhança do meu avô, há quatro anos, escrevi um texto de homenagem publicado no jornal "A Voz de Paço de Arcos". Nasceu a 26 de Agosto de 1931, sempre viveu aqui e tinha um grande amor a esta terra.*



## Um Estado de Realismo na Arte d'A Caveira da Mártir

Cristina Sobral\*

A questão do realismo na obra de Camilo Castelo Branco coloca-se com maior evidência em junho de 1879, quando sai a lume o primeiro dos romances facetos, *Eusébio Macário*, que Camilo terá escrito, segundo alega na «Dedicatória», para responder ao desafio de uma «amiga» que o interrogou sobre a sua capacidade para escrever «segundo os processos novos, um romance com todos os 'tics' do estilo realista» (Castelo Branco 2021, 19). Que se tratava então, mais do que de uma sincera conversão, de uma sátira parodística aos novos processos, pode o leitor adivinhar logo na enumeração da «Advertência», rematada com irreverência e onde os tais processos se anunciam científicos, o estudo dos meios, a orientação das ideias pela fatalidade geográfica, as incoercíveis leis fisiológicas e climatéricas do temperamento e da temperatura, o despotismo do sangue, a tirania dos nervos, a questão das raças, a etologia, a hereditariedade inconsciente dos aleijões de família, tudo, o diabo! (Castelo Branco 2021, 17)

O sucesso do romance, que tinha sido largamente anunciado na imprensa, foi imediato e justificou uma segunda edição em 1880, preparada ainda no final de 1879, de cujo mês de setembro data o prefácio. Aqui, Camilo confessa que o naturalismo do *Eusébio* é uma depreciação do naturalismo de escola, «cousa em si tão fácil» que a fez «dum jato, sem intermissões de reflexão» (Castelo Branco 2021, 15). Coisa muito interessante seria avaliar a verdade

desta afirmação, mas infelizmente não se conservou o manuscrito autógrafo deste romance. Camilo posiciona-se face aos autores realistas: dos portugueses, admirou os romances de Eça de Queirós e de Teixeira de Queirós; dos franceses, confessa que leu tarde e «escassamente» Zola, mas que há 25 anos que se tem como discípulo de Balzac (Castelo Branco 2021, 16). De facto, já em 1861, quando escrevia o *Romanço dum Homem Rico*, alegava, num longo e irónico excursão, que a sua narrativa não podia agradar ao leitor que gosta de «páginas bonitas e sentimentaes», onde se ostentam «thesouros» de «estyllo lamuriente» (Castelo Branco 1861, 126), o leitor que diz: «Regala estar lendo uma scena sem naturalidade, e dizer 'isto não é assim; mas, se assim fosse, era mais agradável o mundo'» (Castelo Branco 1861, 127).

O estado da arte sobre a alegada «ruptura inesperada com o tradicional universo novelístico camiliano» (Cabral 2003, 320) pode ser feito em três pontos:

1. Os críticos estão de acordo que, nos romances facetos<sup>1</sup>, a seqüela do realismo não é levada a sério, mas procura apenas mostrar, de forma evidente, os estereótipos da escola, num discurso com carácter de *charge* (Coelho 2001, 339; Rodrigues 1991, 10) que produz uma «caricatura grotesca» (Martins 2003a, 40).

2. O diálogo de Camilo com o realismo





*Retrato de Camilo em Azulejo pertencente à Casa de Camilo - Museu.Centro de Estudos*

de escola é anterior a 1879. O conhecimento dos realistas franceses terá começado em 1861, na Cadeia da Relação, quando traduz *Fanny*, de Ernest Feydeau. Em 1871, depois da Conferência do Casino em que Eça

se refere ao Romantismo, por oposição ao Realismo, como «arte pela arte», «apoteose do sentimento», domínio do «convencional, do enfático e do piegas», da «retórica considerada como arte de promover a comção usando da inchação do período, da epilepsia da palavra, da congestão dos tropos» (Reis 1990, 140), Camilo não se pronuncia. Mas, nessa época, «nada na sua obra revela uma renovação do saber literário, leituras dum Flaubert ou dum Zola» (Coelho 2001, 313). Balzac, sim, foi sempre uma influência notada, até pela crítica da época (Coelho 2001, 313-314), e, como já vimos, assumida pelo próprio Camilo em 1879. Em 1874, nas *Noites de Insónia*, «Farpeia [...] a ‘nudeza’ desonesta do ‘realismo hodierno’» (Coelho 2001, 313-314) e em 20 de julho desse ano escreve ao Visconde de Ouguela:

A novidade que impulsionou Flaubert na prosa e Baudelaire na poesia é a mesma espécie de transformismo psicológico que fez surgir o Marini e o Góngora. São fases



# Ofetalopticas

A olhar o futuro.



optivisão®

@ ofetal@ofetal.pt  
www.ofetal.pt  
facebook/ofetalopticas

<b>Oeiras Vila</b> Rua João Teixeira Simões, 3 2780-254 Oeiras T. +351 214 425 100	<b>Moinho das Antas</b> Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, 5A 2780-241 Oeiras T. +351 214 427 944
<b>Oeiras Fórum</b> Rua Dr. José da Cunha, 33B 2780-187 Oeiras T. +351 214 415 916	<b>Paço de Arcos</b> Rua Costa Pinto, 95-97 2780-582 Paço de Arcos T. +351 214 422 717

---

impreteríveis e que transbordam da prosódia como os excrementos das sarjetas na rua das Cozinhas, em Coimbra. O que eu te assevero é que o Fr. Pantaleão de Aveiro me enoja, e o Eça de Queirós me entretém. (Camilo Íntimo, 164)

Vivendo temporariamente em Coimbra, de maio a julho de 1875 e depois de outubro a junho de 1876, convive assiduamente com escritores da nova escola, entre os quais Teixeira de Queirós (de pseudónimo Bento Moreno), cuja obra apreciava (Coelho 2001, 316, n. 47), e em 1876, de novo ao Visconde de Ouguela, sobre a primeira versão d'*O Crime do Padre Amaro*, escreve:

Já leste o *Crime do Padre Amaro* do E. de Q.? Li alguns capítulos na *Revista Ocidental*, e achei excelente. Vi anunciado agora o romance em livro. Esse rapaz vem tomar a vanguarda a todos os romancistas. (Camilo Íntimo, 209)<sup>2</sup>

A leitura deu fruto nas *Novelas do Minho*, que então escrevia. Em «O Filho Natural», publicada em setembro de 1876 e escrita imediatamente antes, desafia os padres a

escreverem sobre os leigos: «Quando vierem a medir-se nesse torneio de armas iguais, então saberemos quantos devassos verosímeis e não tonsurados correspondem a um PADRE AMARO que prende o filho a uma pedra e o afoga com suas mãos» (Castelo Branco 2017, 239). Em 1978 é publicado *O Primo Basílio*, que Camilo, tendo em conta o seu interesse por Eça, não terá demorado a ler e ao qual alude em carta (ao amigo Ramiro) não datada, mas que Berrini atribui a outubro de 1878: «Desde que os Fígaros e Basílios pululam do nosso corpo podre, como bichos, a graça dos tipos foi-se» (Camilo Íntimo, 273<sup>3</sup>). Em 1879 é certo que o tinha lido, já que no *Cancioneiro Alegre* (Castelo Branco 1879, 11) o declara «o romance mais doutrinal que ainda sahiu dos prelos portuguezes». (continua no próximo número)

*Texto publicado em Estados da Arte sobre Camilo Castelo Branco, Edição Imprensa Nacional (2024)*

---

\* Universidade de Lisboa — Faculdade de Letras — Centro de Linguística

<sup>1</sup> *Eusébio Macário* (Chardron 1879; 2.<sup>a</sup> ed., 1880), *A Corja* (Chardron 1880), *A Brasileira de Prazins* (Chardron 1882).

<sup>2</sup> A leitura das duas versões posteriores traduziu-se numa progressiva depreciação do seu parecer sobre o romance queirosiano. Noutra carta, não datada, ao amigo visconde, confidencia: «Estou lendo o romance, que é bastante diverso do que eu lera na *Revista Ocidental* [...]. Quanto à linguagem, às impropriedades, reflexo de Flaubert, não as estranho nem as abomino; o que me escandaliza são os velhos erros de gramática e os barbarismos...» A 3.<sup>a</sup> versão, lida já em 1882, merece-lhe um comentário demolidor, escrito à margem do texto, no seu exemplar: «Este romance, na 1.<sup>a</sup> edição, leu-se com prazer; na 2.<sup>a</sup> com algum fastio. O autor para comprazer com a sociedade burgueza creou o episodio do padre bom que não tem cor alguma, e para se afirmar zolaísta fez a filha do sineiro que é infadonha e inverosímil» (Costa 1923, 204). No entanto, numa última nota, inscrita na p. 674 do seu exemplar e com a qual encerra uma série de comentários feitos à margem do texto, escreve o seguinte: «Admirável. Obra prima que hade resistir como um bronze a todas as evoluçoens destruidoras das escolas e da moda. C. C. Br.<sup>o</sup>» (Costa 1923, 206).

<sup>3</sup> A edição por Beatriz Berrini da correspondência entre Camilo e o Visconde de Ouguela falta a fundamentação da datação crítica das cartas não datadas. No caso desta carta, essa falta faz-se particularmente sentir, já que Berrini a atribui a outubro, apesar de Camilo nela declarar: «Este Carnaval passo-o na cama a ler o Beaumarchais» (*Camilo Íntimo*, 273).

## Mostra de Artes

**M**ostra de Artes, com Feira do Livro e Galeria de Arte, uma organização da Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”, com três edições realizadas nos Mercados de Paço de Arcos e Oeiras, em Novembro e Dezembro. Próximas edições no Mercado de Paço de Arcos: até 17 de Janeiro; 6 e 7 de Fevereiro; 6 e 7 de Março.

No evento de Janeiro, haverá o lançamento do nº 62 do Jornal “A Voz de Paço de Arcos” (dia 9, às 16h, com a presença do Dr. João Mendes) e, também, a exposição de fotografia “Portas e Janelas”, de Vitor Martinez (com inauguração no dia 9).

*Luís Amorim  
(escreve de acordo com a antiga ortografia)*

*Texto e fotos de Luís Amorim, excepto onde indicado.*



Foto de Lina Rock



**FL&A** **CONTABILIDADE E CONSULTORIA**  
Proximidade, confidencialidade e rigor

 214 420 036

 [afernandeslopes@sapo.pt](mailto:afernandeslopes@sapo.pt)

 R Alfredo Lopes Vilaverde 7  
2760-000 - Paço de Arcos



[www.fla-associados.pt](http://www.fla-associados.pt)

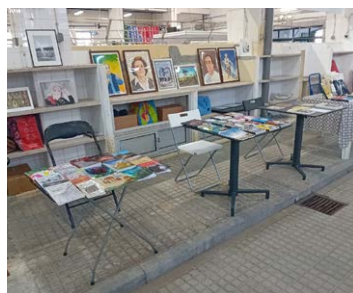


Foto de Lina Rock



Foto de Lina Rock



INVESTIMOS NO FUTURO DOS CONDUTORES



Rua José Moreira Rato, 6A  
2770-106 Paço de Arcos  
Tel: 21 442 76 28 / 21 442 78 03

Email: [esc.cond.pacodarcos@gmail.com](mailto:esc.cond.pacodarcos@gmail.com) • [facebook.com/ecpa1](https://facebook.com/ecpa1) • [www.ecpa.pt](http://www.ecpa.pt)

Escola Associada ANIECA  
Categorias Motociclos e Ligeiros

Parceiros IMT  
Revalidações Cartas  
e Documentos Veículos e Condutores

### José Guardado Lopes

Tiago C. P. dos Reis Miranda

Poucos são os exemplos de memorialismo referente a Caxias ou, pelo menos, poucos são os que se citam. Por muito tempo, a pacatez do quotidiano da terra não pareceu ter inspirado maiores narrativas. O que é uma pena. Existem, entretanto, por divulgar, breves relatos de circunstância e pequenos capítulos de histórias de vida de personagens da monarquia, de oficiais militares e de funcionários republicanos aqui deslocados pelos mais diversos motivos. Como sucede nas *Recordações de um burocrata*, compostas e impressas nas Oficinas Gráficas do Estabelecimento Prisional de Lisboa, em 1994. O seu autor foi o jurista José Guardado Lopes, contemporâneo de António Ilídio Teixeira de Vasconcelos, no Reformatório Central Padre António de Oliveira (Figura 1).

Guardado Lopes nasceu na Sé Nova, em Coimbra, filho de José Augusto Ferreira Lopes e Guilhermina Gaspar de Lemos Guardado. O pai era de Montemor-o-Novo; a mãe, da Figueira da Foz. José Augusto tirou o curso teórico-prático de infantaria, serviu no Ultramar e teve o seu talento mais de uma vez formalmente re-

conhecido. No início do século, exerceu funções de docência e foi colocado no Estado Maior de Infantaria (PT/AHM/G/LM/B-23/18). Compreende-se, assim, que decidisse inscrever o seu único filho varão no Colégio Militar, em Lisboa. Estava-se em 1921, e o jovem José tinha dez anos (Cf. Mário Margarido e Silva Falcão, *História do Colégio Militar*. 3º vol., [Lisboa]: Estado-Maior do Exército, 2003, p. 64). De acordo com ele, resultaria daí boa parte do “espírito de disciplina e hierarquia” que sempre o inspirou (cf. *Recordações...*, p. 12).

O retorno a Coimbra, para se matricular em Direito, em meados da década, parece ter sido acertado: ainda adolescente, Guardado Lopes era já quartanista. A boa impressão que provocou nos professores ajudou-o, depois, a encetar a carreira no Ministério da Justiça. E, com os modestos proventos de primeiro oficial, casou-se, em 1933, na 5ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa. A noiva, Inês Amélia Chambers Oliveira Ramos, era a quarta e penúltima filha de Inês Chambers e Manuel Maria de



Av. dos Fundadores, 59-A  
12770-072 PAÇO DE ARCOS  
Tel. 21 441 02 85



Fig. 1 - Capa do livro de memórias de José Guardado Lopes (exemplar do autor).

Oliveira Ramos, coronel do Exército e antigo preceptor dos príncipes D. Luís Filipe e D. Manuel. Por essa mesma via, três anos mais tarde, José Guardado Lopes viria a ser conchudado do célebre geógrafo Orlando Ribeiro (cf. L<sup>o</sup> 28-C, f. 194, da 7<sup>a</sup> Conservatória do Registo Civil de Lisboa).

A escolha para subdiretor do Reformatório Central, em Caxias, sucedeu em fins de 1936. Tratava-se de um lugar de prestígio, com a vantagem adicional de facultar casa, água e eletricidade e permitir a prática da advocacia, salvo em casos de crime. Nas suas funções, Guardado Lopes tinha o encargo de colmatar as manifestas insuficiências de António Vasconcelos – “um excêntrico, que segundo diziam, nada fazia nem deixava fazer” (cf. *Recordações...*, p. 12)

Muito embora mostrasse, de facto, pouca apetência para o desempenho eficaz de deveres executivos, todos reconheciam no Diretor um homem afável e caridoso, sen-

do possível, com jeito, levá-lo a favorecer uma gestão racional. Guardado Lopes tê-lo-á percebido sem grande demora: “[...] Bastava discutir os problemas, sugerir uma solução com a qual facilmente concordava, mas pondo inúmeras dificuldades; [depois] era só executá-la rapidamente, de preferência durante as suas férias, e lembrar-lhe [...] ter sido tudo feito segundo as suas indicações” (*Op. cit.*, p. 17).

O recém-empossado subdiretor começou por promover a ocupação das estruturas oficiais projetadas pelo arquiteto Carlos de la Rocque Rebelo de Andrade e pelo professor de desenho e escultor Abílio Maria de Jesus Meireles. Seguidamente, realizaram-se várias intervenções no edifício do antigo convento, visando aumentar os serviços de apoio e reabilitar camaratas. O espaço da igreja, ultimamente restituído ao seu destino original, voltou a ter culto.

Em termos pedagógicos, reestabeleceram-se os exames de passagem de grau nas oficinas e melhorou-se a coleta de informações de aproveitamento profissional. Reorganizou-se, também, a Caixa Escolar, promoveu-se a publicação de novas instruções regulamentares e instituiu-se a vigilância noturna. Entre o pessoal que nessa altura entrou ao serviço, merece referência o padre Luís António Borba, que viria a ter um trajeto bastante infeliz, acabando a viver, maltrapilho, na residência paroquial da basílica de Nossa Senhora dos Mártires (*Op. cit.*, *passim*).

Guardado Lopes voltou outra vez, para Coimbra, em outubro de 1940, onde assumiu o lugar de Diretor do Refúgio e Curador de Menores junto do Tribunal Central de Menores. Lá se manteve até que António Vasconcelos atingiu o limite de idade.



**Fig. 2 - Portão de entrada para a antiga casa do diretor do Reformatório Padre António de Oliveira. Fotografia do autor (2025).**

O convite para o retorno a Caxias formulou-se, então, naturalmente, acompanhado com a promessa de um reforço de vencimento, que se concretizou em agosto de 1951.

Nessa sua segunda passagem pelo Reformatório, retomaram-se os investimentos de modernização e restauro das instalações, inclusive da casa de residência do diretor. A obra teve um apoio pecuniário de trinta contos de réis e concretizou-se graças à mão-de-obra de uma brigada de reclusos do reduto sul do Forte de Caxias. O projeto foi da autoria do arquiteto e urbanista Carlos João Chambers de Oliveira Ramos, irmão de Inês Amélia. “Não faltava um pequeno jardim com lago central,

bancos de pedra, uma pérgula e canteiros de buxo cortado, conduzindo a um pórtico [...] que, por um trabalhado portão de ferro, comunicava com a estrada” (figura 2).

José Guardado Lopes acumulou a gestão do Reformatório com as funções de Assistente Técnico dos Serviços de Reforma de Menores junto da Comissão das Construções Prisionais. Foi ainda, 1º substituto dos Juizes do Tribunal Central de Menores de Lisboa e, no ano letivo de 1953-1954, professor de Direito Tutelar de Menores na Escola Normal de Serviço Social, dependente do Patriarcado. Em simultâneo, desempenhou diversas tarefas relacionadas com a administração das propriedades das extintas congregações religiosas e com a escolha de espaços para novos estabelecimentos correccionais. Em janeiro de 1955, recebeu uma bolsa do Instituto de Altos Estudos, que lhe permitiu realizar um *giro* pela Europa, para a recolha de dados sobre a aplicação de princípios de ciência criminal.

O derradeiro posto que teve na sua carreira foi o da Direção-Geral dos Serviços Prisionais. Nele permaneceu até setembro de 1974. Cerca de um ano depois, aposentou-se. Representou o país em mais de duas dezenas de reuniões no exterior e publicou outros tantos artigos, palestras, comunicações, estudos ou relatórios. Especificamente em relação a Caxias, as memórias da sua velhice merecem ser lidas como um complemento desassombrado da *Monografia do Reformatório Central de Lisboa Padre António de Oliveira 1871-1958*.\*

\* Nos trechos transcritos, foram feitas correções ortográficas. Agradece-se o apoio do Prof. Doutor João Carlos Garcia.

## Eduardo Serra

(continuação do número anterior)

“Les derniers beaux jours” (uma curta-metragem) foi o primeiro crédito de Eduardo Serra na Cinematografia, em 1976. Seguiram-se mais 67, como nos filmes “À vendre” (a sua primeira longa-metragem), “Sem Sombra de Pecado”, “Des terroristes à la retraite”, “Histórias da Vida”, “A



*Eduardo Serra*

Mulher do Próximo”, “Tropical Snow”, “O Processo do Rei”, “Lapse of Memory”, “Sem Fronteiras”, “Amor e Dedinhos de Pé”, “Tango”, “Le parfum d’Yvonne”, “Grosse fatigue”, “Comédia Louca”, “O Judeu”, “Les grands ducs”, “Jude”, “As Asas do Amor”, “Rien ne va Plus”, “Para Além do Horizonte”, “No Coração da Mentira”, “Paixões Paralelas”, “La veuve de Saint-Pierre”, “O Protegido”, “Rua dos Prazeres”, “O Delfim”, “La Fleur du Mal”, “Rapariga com Brinco de Pérola”, “Confidences trop intimes”, “A Dama de Honor”, “Bobby Darin – O Amor é Eterno”, “Il ne faut jurer... de rien!”, “A Comédia do Poder”, “Diamante de Sangue”, “Fados”, “Resistentes”, “Bellamy”, “Harry Potter e os Talismãs da Morte: Partes 1 e 2”, “A Therapy”, “Belle du Seigneur” ou “Uma Promessa”.

Tem ainda 21 créditos em outras áreas, como assistente de câmara, operador de câmara, imagem e director de luz. Foi ainda realizador, embora apenas na curta-metragem “Um Aniversário”, de 1975, realizado quando regressou a Portugal

depois da Revolução do 25 de Abril, numa altura em que já tinha dupla nacionalidade (portuguesa e francesa). Um filme que aliás, acompanha ao pormenor, as primeiras eleições livres, para a Assembleia Constituinte, a partir de experiências vividas por trabalhadores agrícolas de três aldeias do distrito de Beja.

Trabalhou bem perto de grandes nomes do cinema mundial como Victoria Abril, Simone Signoret, Laura Antonelli, Jean-Pierre Cassel, Christian Clavier, Fernanda Torres, Madeleine Stowe, David Caradine, John Hurt, Anne Parillaud, John Cusack, Philippe Noiret, Carole Bouquet, Corinne Marchand, Charlotte Gainsbourg, David Hallyday, Roman Polanski, Mathilda May, Jerry Lewis, Leslie Caron, Oliver Reed, Dina Sfat, José Lewgoy, Kate Winslet, Helena Bonham Carter, Charlotte Rampling, Elizabeth McGovern, Isabelle Huppert, Robin Williams, Cuba Gooding Jr., Max von Sydow, Sandrine Bonnaire, Demi Moore, Joss Ackland, Juliette Binoche, Emir Kusturica, Bruce Willis, Samuel L. Jackson, Robin Wright, Laetitia Casta, Nathalie Baye, Colin Firth,

Scarlett Johansson, Kevin Spacey, Bob Hoskins, Greta Scacchi, Jean Dujardin, Leonardo DiCaprio, Jennifer Connelly, Daniel Craig, Gérard Depardieu, Emma Watson, Daniel Radcliffe, Julie Walters, Rupert Grint, Alan Rickman, Ralph Fiennes, Ben Kingsley ou Marianne Faithfull.

Quanto a actores portuguesas, trabalhou com Armando Cortez, João Perry, Mário Viegas, Isabel de Castro, Lia Gama, Rogério Paulo, Henrique Viana, Carmen Dolores, Virgílio Teixeira, Vítor Norte, Fernanda Borsatti, Carlos Daniel, Filipe Ferrer, Joaquim de Almeida, Orlando Costa, Ruy de Carvalho, Curado Ribeiro, Laura Soveral, Sérgio Godinho, Varela Silva, Rogério Samora, Alexandra Lencastre, Isabel Ruth, Miguel Guilherme, ou Joaquim Leitão.

Trabalhou com realizadores sonantes, alguns dos quais em diversos filmes, como José Fonseca e Costa, Patrice Leconte, Claude Chabrol, Edward Zwick e David Yates. Outros que se podem enumerar, directores cinematográficos que trabalharam com Eduardo Serra, são João Mário Grilo, Luís Filipe Rocha, M. Night Shyamalan, Fernando Lopes, Peter Webber, Carlos Saura ou Roman Polanski.

Em Cinematografia, venceu 14 Prémios, ainda com mais 25 nomeações. Os triunfos aconteceram nos seguintes festivais ou es-



Eduardo Serra a receber o Prémio de European Cinematographer, nos European Film Awards, em 2004, por “Rapariga com Brinco de Pérola” - [ladiscusion.es](http://ladiscusion.es)

colhas de Críticos (em alguns, vencendo mais do que uma vez): American Society of Cinematography, BAFTA Awards, Camerimage, European Film Awards, Los Angeles Film Critics Association Awards, San Diego Film Critics Society Awards,

San Sebastián International Film Festival, ABC Cinematography Award, Marburg Camera Award, Central Ohio Film Critics Association, New York Film Critics e Gold Derby Awards. Nestes 14 triunfos referidos, conta-se ainda um Prémio Honorário, galardão atribuído nos Prémio Sophia, da Academia Portuguesa de Cinema.

Eduardo Serra faleceu no dia 19 de Agosto de 2025, aos 81 anos.



Cartaz do filme “Rapariga com Brinco de Pérola”: [IMDB](https://www.imdb.com/title/tt0413011/)

*Luís Amorim  
(escreve de acordo com a antiga ortografia)*

## Alfred Hitchcock

(continuação do número anterior)

**E**m 2002, Alfred Hitchcock foi eleito o segundo maior realizador da história do cinema, no consenso entre críticos e directores pesquisados pela “Sight & Sound” e o British Film Institute, atrás apenas de Orson Welles. Numa consideração adicional, o site “They Shoot Pictures”, colocou-o como o mais aclamado cineasta de sempre.

Conhecido como o mestre do *suspense*, Hitchcock trouxe inovações técnicas nas posições e movimentos das câmaras, nas elaboradas edições e surpreendentes bandas sonoras que realçam os efeitos de *suspense* e terror. Estes climas são acentuados pelo uso de música forte e efeitos de luz, como por exemplo, em “Psycho” / “Psico”, onde somente o espectador vê a porta entreabrir-se, esperando algo acontecer enquanto o detective sobe a escada.

Um dos recursos de *suspense* mais utilizados por Hitchcock é o do vilão inocente, em que através dele, alguém é erroneamente acusado ou condenado por um crime, do qual para se ver livre, acaba por assumir a missão de perseguir e encontrar o real culpado. Em alguns filmes, o personagem age como se soubesse que



Grace Kelly e Alfred Hitchcock - mptvimages.com

o telespectador está na observação da sua vida. Em “Rear Window” / “Janela Indiscreta” (1954), o personagem Lars Thorwald (interpretado por Raymond Burr) confronta Jeffries (James Stewart) dizendo: «O que você quer de mim?», endereçando a pergunta ao telespectador com um grande plano no seu rosto. Um dos elementos que caracterizam os seus personagens é a figura do assassino cuja identidade é revelada ao longo da acção,

# CHURRASQUEIRA

## do Bugio

214 410 755

Horário:  
10:00h. - 15:00h.  
17:30h. - 22:00h.

Centro Comercial do Bugio (Frente à Segurança Social)  
R. Alfredo L. Vilaverde, nº 19 - E - Lj. 25 - 2770-009 Paço de Arcos

Temos **MB** MADE IN PORTUGAL

### Frango

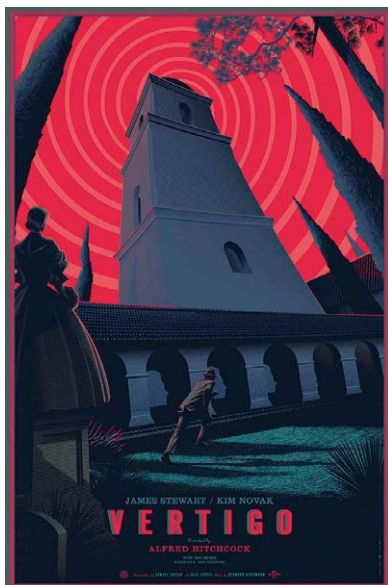
- \* Entremeadada (parco)
- \* Espetadas (aves)
- \* Entrecosto (parco)
- \* Salsichas (tipo toscano)
- \* Bacalhau
- \* Coelho
- \* Codornizes
- \* ...

\* Só por encomenda

Encerramos à 2ª feira

como no filme atrás citado.

Hitchcock realizou múltiplas longas-metragens com algumas das maiores estrelas de Hollywood, incluindo Cary Grant, James Stewart, ambos em 4 filmes ou Ingrid Bergman e Grace Kelly, em 3. Outros intérpretes sonantes escolhidos pelo realizador inglês foram Robert Donat, John Gielgud, Sylvia Sidney, Maureen O'Hara, Joan Fontaine, Laurence Olivier, Carole Lombard, Robert Montgomery, Robert Cummings, Joseph Cotten, Gregory Peck, Claude Rains, Dame May Whitty, Charles Laughton, Farley Granger, Marlene Dietrich, Jane Wyman, Montgomery Clift, Anne Baxter, Karl Malden, Ray Milland, John Forsythe, Shirley MacLaine, Doris Day, Henry Fonda, Vera Miles, Kim Novak, Barbara Bel Geddes, Eva Marie Saint, James Mason, Martin Landau, Anthony Perkins, Janet Leigh, Rod Taylor, Tippi Hedren, Jessica Tandy, Sean Connery, Paul Newman, Julie Andrews ou Bruce Dern.



*Vertigo*



*North by Northwest*

Hitchcock usou em vários de seus filmes o termo que é conhecido pela expressão *cameo* (o que significa uma “participação especial”), onde uma pessoa famosa aparece num filme. Porém, nos seus, quem surge é ele próprio. Hitchcock é visto em aparições breves, geralmente no início. Em “Rear Window” / “Janela Indiscreta”, ele aparece dentro do apartamento do pianista; Em “Psycho” / “Psico”, ele passa à frente do escritório de Marion, com um chapéu de *cowboy*; Em “Dial M for Murder” / “Chamada para a Morte”, é visível no canto inferior esquerdo de uma fotografia pendurada na parede da sala; Em “To Catch a Thief” / “Ladrão de Casaca”, aparece à volta dos dez minutos, sentado ao lado de John Robie (Cary Grant) num autocarro. Em “Vertigo” / “A Mulher que Viveu Duas Vezes”, aparece aos exactos onze minutos de filme, a caminhar em frente ao estaleiro de Gavin Elster; Em “North by Northwest” / “Intriga Internacional”, tem uma rapidez evidente, logo no início do filme, para tentar apanhar o autocarro, sem sucesso;



## Cinema do Século XXI

Desde 2011 que Oeiras recebe sessões de cinema no Auditório Municipal Maestro César Batalha, programadas por Lauro António. Fidelizou-se um público bastante interessado na sétima arte, mas sempre com novos espectadores aparecendo a cada ano, resultando em numerosas assistências, muitas vezes com lotação esgotada. A Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”, proprietária do Jornal bimestral com a mesma designação, propõe-se a dar continuidade às sessões cinematográficas, com ciclos anuais, à terça-fei-

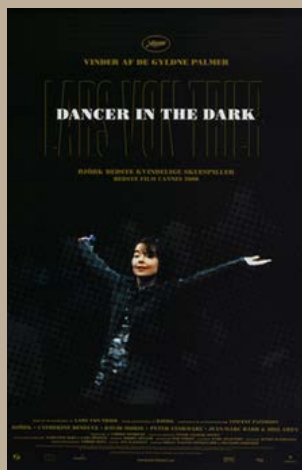
ra, o dia habitual do cinema em Oeiras nos últimos anos, mas em 2026, havendo também uma sessão mensal, no Auditório Municipal José de Castro, em Paço de Arcos. Com o apoio da Câmara Municipal de Oeiras, pretende-se que o cinema continue a ter uma ampla divulgação no concelho durante os anos vindouros e, em especial, também na vila de Paço de Arcos.

“Cinema do Século XXI” é o ciclo para 2026, com uma programação de 44 filmes no Alto da Barra e II em Paço de Arcos.

### Programa - Auditório Municipal Maestro César Batalha, Oeiras



**03 Fevereiro “Big Fish” – “O Grande Peixe” (2003) de Tim Burton (M12) 120m (fantasia, drama, comédia)**  
 Com: Ewan McGregor, Albert Finney, Billy Crudup, Jessica Lange, Helena Bonham Carter, Marion Cotillard, Danny DeVito, Miley Cyrus.



**10 Fevereiro “Dancer in the Dark” (2000) de Lars Von Trier (M12) 135m (drama musical)**  
 Com: Björk, Catherine Deneuve, David Morse, Peter Stormare, Stellan Skarsgård.



24 Fevereiro “The Hours” – “As Horas” (2002) de Stephen Daldry (M12) 114m (drama)  
Com: Meryl Streep, Julianne Moore, Nicole Kidman, Ed Harris, Toni Collette, Miranda Richardson, Jeff Daniels



03 Março “Chocolat” – “Chocolate” (2000) de Lasse Hallström (M12) 116m (comédia dramático-romântica)  
Com: Juliette Binoche, Victoire Thivisol, Judi Dench, Alfred Molina, Lena Olin, Johnny Depp, Carrie-Anne Moss, Leslie Caron

### Programa - Auditório Municipal José de Castro, Paço de Arcos



22 Fevereiro “The Pianist” – “O Pianista” (2002) de Roman Polanski (M12) 142m (drama biográfico)  
Com: Adrien Brody, Thomas Kretschmann, Frank Finlay, Maureen Lipman, Emilia Fox.

*Luís Amorim  
(escreve de acordo com a antiga ortografia)*

**MANLOC**  
OFICINA AUTOMÓVEL e MOTO

Tel.: +351 216 072 206  
Estrada da Cartuxa, 10 – 2760-022 Caxias  
e-mail: geral@manloc.pt www.manloc.pt

«Viver mais e melhor»

## Por uma estratégia nacional para a longevidade

O II.º Congresso da Confederação Nacional de Reformados, Pensionistas e Idosos – MURPI, realizou-se no passado dia 30 de Novembro, no Fórum Lisboa, com mais de duas centenas de delegados e outros tantos convidados, debatendo a Estratégia Nacional para a Longevidade.

Uma das primeiras decisões do Congresso foi a criação, para esta época natalícia, da «Árvore do Descontentamento», onde serão penduradas as principais reivindicações do MURPI,



simbolizando tudo o que permanece por cumprir. O apelo foi dirigido às federações, aos corpos sociais agora eleitos e aos representantes locais em todos os distritos. «Essas reivindicações orientarão a nossa acção e luta no próximo ano,

porque se inscrevem no cumprimento da Constituição da República Portuguesa, que celebra 50 anos», afirmou, no encerramento, Isabel Gomes, reeleita presidente da Direcção do MURPI. Este órgão, bem como todos os que foram eleitos neste Congresso, integra nomes bem conhecidos das comunidades que representam, de entres eles figura Olívia Matos, eleita como Secretária da Mesa da Assembleia Geral e que preside à Di-



recção da ARPI de Oeiras – Desenhando Sonhos.

Na sua intervenção, a presidente do MURPI, sublinhou que “os próximos anos exigem acções concretas que integrem políticas sociais, económicas e ambientais, procurando uma distribuição mais justa da riqueza e uma intervenção pública fortalecida.” Isabel Gomes sublinhou ainda que “os reformados não são um grupo passivo, pelo contrário, são agentes de mudança social, transmitindo experiência e memória colectiva, e exercendo influência positiva nas famílias e na comunidade. O MURPI considera fundamental fomentar a participação intergeracional, garantindo que as gerações mais novas aprendam com o contributo dos mais velhos e que estes continuem activos no plano social, cultural e político.”

Foram várias as intervenções, todas no sentido de evidenciarem as condições dos idosos, destas damos natural destaque à Presidente da “Desenhando Sonhos”, Olívia Matos, da qual destaco alguns extratos: “Sabemos que para reduzirem os gastos públicos, os governos de direita privilegiam o

## **Corte de benefícios e pensões e o aumento da idade da reforma.**

A contenção dos aumentos das reformas agrava directamente as condições de vida dos reformados, e os cortes nos serviços sociais e de saúde acarretam problemas adicionais. Assiste-se a uma menor cobertura da saúde, a cada vez menos profissionais de apoio domiciliário, menos lares a custos acessíveis, e agravam-se os riscos de isolamento e solidão, e da dependência de terceiros. (...) Na saúde, é gritante a perda de direitos e o aumento das dificuldades de acesso ao SNS devido ao fecho de serviços e à dificuldade cada vez maior de marcação de consultas e tratamentos. (...) Já nas farmácias, cresce o número de idosos que levam para casa só parte da receita por não terem dinheiro suficiente para pagar todos os medicamentos de que precisam. Mas a situação do agravamento de vida dos idosos não depende só da desvalorização das suas reformas e pensões, ou do encerramento dos serviços de saúde. A perda de serviços de proximidade, como correios, balcões bancários e caixas multibanco, ou o fecho dos mercados de bairro, que não conseguem com-

petir com as grandes superfícies, assim como a inexistência ou escassez de meios de transporte são penalizadores e condicionam o dia a dia dos mais velhos. (...) Já a falta e os elevados custos da Habitação são, efectivamente, uma das situações que mais contribui para a instabilidade social e económica dos reformados. (...) Estas situações provocam ou aumentam os casos de depressão e tristeza, assim como acentuam as situações de pobreza entre os mais velhos.”

E Olívia Matos terminaria a sua intervenção com um apelo: **“TEMOS QUE REFORÇAR A LUTA PELOS DIREITOS A QUE TODOS TEMOS DIREITO!”**

Pela importância das situações relatadas nas dezenas de intervenções e para conhecimento do Plano de Actividades aprovados pelo Congresso, recomenda-se a consulta ao site [www.murpi.pt](http://www.murpi.pt) e sugere-se a assinatura do jornal “A Voz dos Reformados”.

Rogério Pereira

# ContiService

Especialista em pneus e Manutenção Automóvel



**Retrocal, Lda**  
Rua de S. Paulo, 2-A  
2780-037 OEIRAS  
Tels.: 214 418 248 • 214 421 496  
Cont. 500 620 067  
geral@retrocal.pt  
Horário: 9.00 às 13.00 e das 14.30 às 18.30

## Impacto do 25 Abril na Imprensa Regional

Muito boa tarde a todos.

Permita-me que comece esta minha intervenção agradecendo ao GAFPN, o honroso convite para participar neste encontro, o que faço com grande prazer.

Muito obrigado, Senhor Presidente.

A Imprensa local e regional vivia uma situação muito condicionada pelo controlo exercido pela censura, e pela ação da Pide, até ao 25.4.74, conforme muito bem ficou demonstrado pela intervenção do Dr. Lança Coelho.

Grande número dos órgãos de imprensa regional e local eram propriedade das paróquias, organismos do Estado, e alguns, poucos, de pessoas influentes na vida política, social, religiosa ou cultural, normalmente alinhados com as políticas do governo.

Poucas eram as exceções, e entre elas, teremos que destacar o “Jornal do Fundão”, que conseguiu, com muita coragem, manter uma linha editorial independente.

Os seus leitores, em grande número assinantes, eram os oriundos das localidades do órgão cujos temas eram de interesse geral, nomeadamente, imigrantes que tinham nesses órgãos o seu elo de ligação às suas terras de origem, e era por eles que sabiam das notícias, das inaugurações, falecimentos, nascimentos, e outros acontecimentos sociais e culturais.



Com o advento da madrugada libertadora no histórico dia 25.4.74, tudo se alterou. A liberdade de associação voltou, e com ela o entusiasmo pela participação cívica das populações e o maior envolvimento em iniciativas tendentes a encontrar soluções para os seus problemas básicos de qualidade de vida. A habitação, o pão e a paz eram as suas principais exigências. Era necessário empurrar os Órgãos Locais e Nacionais eleitos para o terreno e fazer acontecer vidas que satisfizessem as suas necessidades.

Relativamente à Imprensa Regional e Local, viveu-se uma extraordinária dinâmica através da ação das muitas associações, comissões e outras formas de organização das populações, que para maior eficácia das suas ações de carácter político, social, cultural e religioso, recorriam à criação de boletins, revistas, jornais, rádios locais. Muitos prosperaram e tiveram vidas longas, e deram grande contributo à consolidação da jovem democracia implantada no país.

É o caso de “A Voz de Paço de Arcos”,



que nasceu em 1.6.79, Dia Mundial da Criança, pela iniciativa de 3 amigos, Armando Garcia, Joaquim Coutinho e Vítor Faria, que com uma folha A4 a falar dos Direitos da Criança, e que depois com o incentivo da Junta de Freguesia, deram continuidade. A partir de certa altura, só o fundador Joaquim Coutinho ficou, como diretor e proprietário, à frente do jornal, durante 36 anos.

Para além do referido apoio da Junta de Freguesia de Paço de Arcos, contou muito o apoio do comércio local, através da publicidade, principal fonte de financiamento.

Joaquim Coutinho, homem de cultura, do desporto e com grande sensibilidade social, conseguiu unir a população local à volta do seu projeto de defesa dos interesses da freguesia, tendo conseguido enriquecer a vida cívica, não só através do jornal, mas também com outras

iniciativas culturais, monumentos a José de Castro, ator, e a Maria da Conceição Telles Mendes, guarda-linha, de autoria do escultor Joaquim Correia, exposições de arte, e outros eventos de interesse cívico.

Nos primeiros 25 anos, a vida destes Órgãos era relativamente fácil, muita gente colaborava na produção, distribuição e divulgação do jornal e das outras iniciativas. Os apoios dos Organismos Eleitos eram proporcionais ao interesse que tinham para a vida do território. Muitas entrevistas, publicação de comunicados, editais e outras comunicações oficiais, preenchiam as páginas do jornal que eram lidas avidamente pela população que encontrava neles as informações e os artigos de formação e de opinião que preenchiam a sua curiosidade informativa e cultural.

Por volta da mudança do século, esta

**Restaurante o Muchacho**  
Sabores Transmontanos  
Tel: 916 870 373 - 967 448 988  
Restaurante o Muchacho

**Posta Mirandesa Francesinhas Casulas**  
(Encerra à 2ª Feira)

Urbanização junto à Igreja de Barcarena com estacionamento na frente e traseira

GPS: 38°43'53.9"N 9°16'37.8"W

**Restaurante ♦ Serviço de catering ♦ Take Away**  
Rua António Pereira da Cunha, n°7 - Loja 4, 2730-246 Barcarena



realidade mudou, a participação cívica diminuiu, e as Juntas de Freguesia e as Câmaras Municipais, criaram Gabinetes de Comunicação e Órgãos próprios, passando a comunicar diretamente com as populações, o que atualmente se intensificou com o recurso às redes sociais. O papel dos jornais e rádios locais ficou desvalorizado, o que levou ao desaparecimento de muitos deles.

Atualmente, o panorama é desolador, a maioria dos jornais locais e regionais limita-se a reproduzir as notícias publicadas pelas autarquias e são, essencialmente, folhas de publicidade, onde notícias e artigos de opinião informativos ou formativos rareiam.

Estou a referir-me aos muitos jornais de distribuição gratuita, projetos empresariais que visam lógica, e legitimamente, o lucro, e que não conseguindo receitas não recorrem a profissionais para os produzirem com

alto grau de qualidade.

Podemos, no entanto, constatar a existência de alguns casos de exceção, propriedade de Associações Culturais Sem Fins Lucrativos, como no caso de “A Voz de Paço de Arcos”, que subsiste graças ao voluntariado, ao apoio da CMO, publicidade e apoio à Associação como Agente Cultural, da UFOPAC, da publicidade do tecido económico, da quotização dos Associados, de donativos e algumas receitas, limitadas, de eventos culturais que organiza ou em que participa.

Espero que tenha conseguido, de forma sucinta, clara e objetiva, dar a minha leitura da vida da imprensa local e regional, antes e depois do 25.4.74, pelo que termino agradecendo a gentileza que tiveram em me ouvir.

*José Marreiro*

*Fotos de Carlos Ricardo*



## LAVANDARIA

## OS ARCOS

LIMPEZA A SECO - LAVANDARIA - PELES  
CARPETES - CORTINADOS, ETC, ETC.

RUA PATRÃO JOAQUIM LOPES, 15  
PAÇO D'ARCOS

TELEF. 214 436 731  
2780 OEIRAS

## Confraternização organizada pela Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”

**R**ealizou-se no passado dia 20.II.25, no restaurante da Cooperativa Nova Morada, dirigido pelo Sr. Eduardo Lopes, um almoço de confraternização, organizado pela Associação Cultural “A Voz de Paço de Arcos”, com o pretexto de aproximar os seus associados e amigos que ao longo do ano participaram nas suas diversas iniciativas. Foram cerca de 60 os convivas, que tiveram a oportunidade de se conhecer melhor, em salutar convívio, que juntou igualmente, dirigentes de outras associações, nomeadamente da Cooperativa Nova Morada, Âncoras, Quartel 41, elementos afetos ao projeto de poesia da Luchapa.

O Presidente da Direção da ACAVDPA saudou e agradeceu a presença de todos, assim como toda a colaboração que foi dada às iniciativas concretizadas ao longo do ano.

Para abrilhantar musicalmente, tivemos a participação do nosso querido associado Robertes Araújo, que com a sua mestria nos deliciou com a execução de várias peças musicais do seu rico e vasto repertório que a todos encantou.



Renovamos aqui, os nossos agradecimentos a todos quantos nos acompanharam, destacando, se nos permitem, os representantes das congêneres, Cooperativa Nova Morada, Dr. Paulo Ceia; Âncoras e entre Palhinhos; Luchapa, José Mendonça e Quartel 41 (do Auditório José de Castro, Diogo Mesquita).

A organização do almoço foi da responsabilidade da associada Margarida Almeida, que com a sua experiência e capacidade de organização, conseguiu um ambiente de grande satisfação dos participantes.

Um último agradecimento para o Sr. Eduardo Lopes e sua extraordinária equipa que com o seu grande profissionalismo conseguiu prestar um bom serviço, que foi do agrado geral, apesar do atraso verificado, por razões que compreendemos.

Um bom ano para todos os que nos acompanham nesta tarefa de divulgação da vida cultural e social da nossa área de intervenção.

*José Marreiro*

*Fotos de Anabela Bento*



## Daniel Gouveia

**C**ULTURA: autor, editor, fadista e *munícipe de Oeiras, Daniel Gouveia*, pelo colaborador M. Barão da Cunha (MBC, 15.<sup>a</sup> versão, 2021.01.24/10.23/11.01, 2022.03.07, 2025.09.26/11.08/12.13; 5 páginas, 10 ilustrações, sendo 3 capas, 2 fotos feitas por DG e 5 outras fotos: IASFA Lisboa e Oeiras, Verney).

O município de Oeiras Daniel Gouveia (DG) tem grande experiência literária, incluindo autoria de livros, tradução e edição, além de ter sido um dos que promoveu o nosso Fado internacionalmente.



*Arcanjos e bons demónios* é uma importante obra sobre a guerra do Ultramar, incidindo sobre a realidade angolana de então, mas beneficiando de um sentido universal.

O autor foi alferes miliciano em Angola, apresentando um olhar muito especial sobre as terras e as gentes daquele território no período final do nosso último império. Não é vulgar uma estadia de apenas dois anos dar azo a uma descrição tão pormenorizada da terra angolana, incluindo aspetos de clima, flora, fauna e pessoas.

No âmbito do clima tropical, o antológico episódio *A marcha da sede* atinge o clímax no que se refere à influência no comportamento humano.

Na flora, o capim e a mata são personagens da narrativa, de um dos poucos autores que, felizmente quanto a mim, não utiliza o estafado adjetivo «luxuriante» quanto

à floresta tropical.

A fauna é, também, uma das personagens importantes, incluindo elefante, macaco, pacaça, onça, insetos... e suas atitudes e relacionamento entre si e com os humanos, culminando com o fantástico episódio *O camaleão e o gavião*, beneficiando o leitor do invulgar olhar fotográfico que a narrativa contém.

Também se refere, e bem, às gentes que viviam na altura em Angola, essencialmente no mato; as que já lá viviam no início da guerra e as que foram enviadas de cá; e às suas emoções e atitudes, as boas e as outras.

A componente de humor ameniza certas situações de guerra e atesta alguma realidade da época final do império. É o caso da aventura do alferes da secretaria, *O amanuense caçador*, ao querer emparceirar com os operacionais...

Outra das características deste livro é o realismo da narrativa que chega a produzir sede no leitor, ao descrever a patrulha cujo principal sofrimento foi a falta do bem essencial, a água.

E acrescentou um CD com fotografias, que é uma mais-valia para a apreciação da obra que escreveu.

Além de autor literário, fotógrafo e grande estudioso do Fado, é editor e foi o primeiro da coleção *Fim do Império*, tendo dado uma indispensável contribuição para a boa relação de custo/qualidade.

É também autor de outro livro da mesma colecção, *Cartas do Mato*, e coautor de *África, quatro ases e uma dama*, com Fernando Farinha, Conde Falcão, Pedro Cunha e Maria Morais.

Fotografia de DG, «ás de ouros», da con-

tracapa do livro *África, quatro ases e uma dama*.

DG foi entrevistado, em 2021.02.03, pelo jornalista Mário Carneiro, do programa *Mar de Letras*, de RTP África, por onde passaram outros autores da coleção *Fim do Império*, incluindo, piloto-aviador Carlos Acabado, eng.º Tabanez Ribeiro, professor Valentino Viagas, dr. Carlos Gueifão e eu próprio.

Na Livraria Municipal Verney, em 2014.05.20, superintendente Isaias Teles, DG, coronel Freitas Lopes (entretanto falecido), dr. Manuel Machado, general Sousa Pinto, Fernando Lamy (residente no Brasil) e MBC.

IASFA, Lisboa, 2015.05: general Marques Pinto (entretanto falecido), doutor John Cann (autor norte-americano) e DG.



IASFA, Oeiras, 2016, com Soares Moura, coronéis F. B. Cunha e Otel S. Carvalho (entretanto falecido) e embaixador Henriques da Silva.

E traduziu mais um importante livro do professor francês René



Pélissier, sobre nós, que foi apresentado no Clube Alto da Barra, em 2022.05.12, *Angola e Moçambique no Crepúsculo do Império*.

Em 2025.09.18, possibilitou mais uma tertúlia na Livraria Municipal Verney: OS PRIMEIROS FADISTAS E AS PRIMEIRAS GRAVAÇÕES DE FADO. Biografias abreviadas e imagens de Maria Severa, Júlia Mendes, Estêvão Amarante, Lino Teixeira, Ercília Costa, Joaquim Campos, Maria Alice, Filipe Pinto, Hermínia Silva, Berta Cardoso e Alfredo Marceneiro, acompanhadas das suas primeiras gravações, duas delas de Fado Humorístico; com 40 presenças, incluindo coronéis João Fernandes, Conde Falcão e Carlos Ricardo (fotografou); major Carlos Acabado; comandantes Metelo Nápoles e esposa, Pais Ramos, Costa Correia, Portero; eng.ºs Tabanez Ribeiro, Fernando Moreira e esposa, Ricardo Acabado; Rogério Pereira; Rosa Fonseca, Margarida Monteiro da Graça, Helena Magalhães, Maria Morais, Helena Ferreira, Adília Louro; Dr.ª Emília Mesquita, Henriques da Silva, José Marreiro; Luís Amorim e Joaquim Sobral; coordenador...



Eng.º Fernando Moreira, artistas plásticas Maria Morais e Helena Pinto Magalhães, dr. José Marreiro, Rogério Pereira...

M.B.C.

## Paradigma Coldplay

**S**eguir a carreira da banda de Chris Martin tem sido extraordinariamente interessante para um sociólogo como eu. Os primeiros álbuns são extraordinários, em autenticidade: um conceito *pop* dir-se-ia clássico, em estado puro. E têm mantido uma qualidade realmente muito muito consistente - e rara - ao longo dos anos:

- Merecem a fama que têm - e ponto final. As suas apresentações ao vivo “acrescentam algo”, e os seus vídeos são inovadores, até em termos de narrativa visual abstracta (“The Scientist” é um *videoclip*- maravilha)

No entanto também neste caso existem *nuances* que confirmam a tentacular influência da “indústria” sobre o criativo que o próprio artista faz mesmo terrivelmente MAL em aligeirar e considerar que:

- “Acontece isto desde sempre... porque iria eu agora preocupar-me em mudar o sistema, se “Está a dar para mim...?”” Chris, eu vou-te explicar uma coisa - e ela aplica-se a TODOS os músicos, ok? Vocês ao embarcarem alegremente no Sonho tão agradável da Fama e do dinheiro e deste previsível circo interminável dos concertos ao vivo, estão a ofe-

recer TODO o poder de mão beijada aos figurões que controlam a indústria e a dar, sem entender:

- “Todos os tiros nos próprios pés ao mesmo tempo!!”

Deixou de se falar em: “Milhões de discos vendidos”, Chris... a popularidade das bandas mede-se agora talvez em “Número de pessoas por concerto” ou ainda “Número de seguidores no Spotify ou Instagram” - para o figurão mafioso é bom sim, mas será isto o que vai sustentar o vosso futuro como músicos...??

Chris, vai ao YouTube ouvir e ver o que dizem os outros músicos de topo sobre a repartição de Lucros na VOS-SA indústria - desde Billy Corgan dos Smashing Pumpkins até ao líder dos Radiohead - TODOS estão a dizer o mesmo; e eles são aqueles que o sistema deveria tratar com luvas brancas de pelica pois dão Lucro de MILHÕES !! Deixa-me dizer-te a ÚNICA coisa que pode devolver alguma dignidade ao





Mercedes-Benz

**MECÂNICA**  
**PINTURA EM ESTUFA**  
**ELECTRICISTA**  
**BATE-CHAPA**

**Auto Caxiense**  
R.A. Mercedes

**BANCO DE ENSAIO**  
**COMPUTADOR DE TESTES**  
(diagnóstico de avarias)



[autocaxiense@sapo.pt](mailto:autocaxiense@sapo.pt)

Rua João Alves de Carvalho, 6 e 8  
2760-126 CAXIAS

Tel. 21 443 51 42  
21 446 13 36

músico: o regresso ao Álbum e ao Vinil e a um ritmo de calma e sabedoria, obviamente. Esta extensão para os concertos gigantes / espectáculo visual puro dá muito dinheiro em pouco tempo - mas insere uma pressão inacreditável na vida do criativo e vais pagar isso em muito pouco tempo. Tu queres acabar como o Elvis Presley, por acaso...? 42 anos - durou ele. Completamente agarrado a tranquilizantes. Tal como Prince, que durou 57 anos. George Michael também morreu cedo. Os três na fase final tinham uma dose cavalgar de drogas em cima, para aguentar a pressão mediática.

- Olha que: "Não é por acaso"!!

A Blondie anda em "Eterna digressão", casa às costas há décadas - tem agora



*"Info-man" de Francisco Capelo*



*"Em busca de um sentido" de Francisco Capelo*

quê, uns 80 anos?? Se tu com o acesso privilegiado ao sistema, não te unes a outros músicos e MUDAS por dentro o sistema - quem o fará por ti...?

Olha, eu SEI o que defendo para o futuro da vida do criativo - e tu, sabes o que defendes...?

- Já agora: o Ian McCulloch continua à espera que tu lhe telefones. Se sempre assumiste que os Echo & The Bunnymen te ensinaram quase tudo em música, e se queres começar a mudar alguma coisa em ti e na tua atitude, pega no telefone e fala finalmente com ele porque esse sim, não quer o teu dinheiro.

*Francisco Capelo  
(escreve de acordo com  
a antiga ortografia)*

*Site do autor: art.pt*

### A claridade do apagão

A palavra do ano de 2025 mais “badalada”, foi o *Apagão*, tendo sido eleita pelos portugueses, numa votação promovida pela Porto Editora e pela Infopédia, que volta a refletir sobre os temas que mais marcaram a vida coletiva do país. Ao longo dos meses, ela infiltrou-se no vocabulário diário como quem se instala devagar numa sala cheia: primeiro tímida, depois inevitável. O país, habituado à luz que tudo simplifica, foi confrontado com a fragilidade do seu próprio brilho. Bastou um corte, uma tarde de escuridão, para levantar um debate que se tornou maior do que a origem do acontecimento.

O apagão ibérico, o tal que parou semáforos, deixou ecrãs negros e fez soar as sirenes desconfiadas. Inicialmente, foi encarado como um incidente técnico. Uma falha, uma avaria, enfim um acaso. Mas, à medida que as horas avançavam, percebeu-se que o silêncio elétrico trazia mais perguntas do que respostas. De facto, ficámos sem eletricidade, mas ganhámos uma rara claridade interior. Como se, de repen-



te, todos tivéssemos sido obrigados a olhar para aquilo que já não víamos.

O apagão, não é apenas a ausência de luz. É um espelho, no qual vimos a dependência total que criamos das redes, das máquinas, dos automatismos que fazem o mundo funcionar sem nos apercebermos. Vimos também, que a inquietação que nasce como algo tão quotidiano, falha. Ficámos, por momentos, reduzidos ao essencial, e muitos sentiram medo; outros, porém, curiosidade, e ainda outros, um estranho alívio como se a escuridão tivesse permitido respirar.



Rua Curry Cabral, 4 (Traseiras)  
B.º Comendador Joaquim Matias | 2780-049 Paço de Arcos



**TAKE-AWAY**  
**ENCOMENDAS 214432659/938499790**  
Taxa de entrega 3,50€, gratuita a partir de 25€  
Horário: 12/15h - 18/21h Seg. a Sáb | 11/15h Domingo



**MARISCOS E PEIXES SEMPRE FRESCOS**

As ruas encheram-se de pessoas que saíram para ouvir o silêncio. Conversou-se mais naquelas horas do que em muitos dias iluminados. Alguns até nem sabiam que determinadas pessoas eram vizinhas. Houve vizinhos que nunca tinham trocado palavras e que, à luz das velas, descobriram afinidades. Crianças que sem *tablets* ou televisão, inventaram jogos antigos como quem reencontra o tesouro perdido. E houve quem, pela primeira vez por muito tempo, levantasse a cabeça para o céu e reparasse que ainda existiam estrelas - afinal muitas.

O apagão de 2025 não provocou apenas uma celeuma nacional. Provocou uma reflexão.

Acendeu-se um debate sobre vulnerabilidade energética, sobre segurança digital, sobre o papel da tecnologia nas nossas vidas. Falou-se de falhas nos sistemas, de responsabilidade política, de previsões ignoradas. Mas falou-se também, do nosso quotidiano, da nossa pressa, da nossa distração permanente, da forma como deixá-

mos que a luz artificial substituísse outras luzes mais antigas e, talvez mais necessárias.

Quando tudo voltou ao normal, porque tudo volta sempre, regressámos às rotinas com o habitual alívio. Mas, alguma coisa mudara.

O apagão transformou-se numa metáfora nacional; lembrava-nos que aquilo que tomamos por garantido pode desaparecer num sopro. E, talvez por isso, a palavra ficou. Porque não se falava apenas de eletricidade: falava-se de ausências, de falhas e de silêncios. Falava-se também de recomeço.

Em 2025, descobrimos que o país sabe viver na luz, mas também não se esquece da escuridão. E que, às vezes, basta haver um momento sem energia, parar e acendermos outras formas de iluminar a vida.

*Luís Álvares*

grau de imaGinação [www.grau.pt](http://www.grau.pt)

<b>DESIGN</b>	<b>PRODUÇÃO</b>
<b>Gráfico</b>	<b>Digital</b>
Catálogos, brochuras, flyers	Pequeno e grande formato
Design de embalagens	
Criação de logótipos	
Design editorial	<b>Offset</b>
Merchandising	Pequeno e grande formato
Estacionários	
<b>Web</b>	<b>Serigráfica</b>
Criação e manutenção de websites	<b>Têxtil</b>

Alameda do Sabugueiro, 5A, Murganhal, 2760-128 Coxias  
Telefone e Fax: 214 366 463 | geral@grau.pt

### O Velho e o Mar Ernest Hemingway

**A** Dor da Vida... A luta desigual entre a vontade e a inteligência do Homem, contra a adversidade das circunstâncias que o envolvem... na Natureza, na Sociedade.

- Oh, que calma! O ocaso, a brisa, o mar preguiçoso! – diz o avô para a neta, sentados naquela sobranceira esplanada.

- Avô, esta imensidão, imensa! É assim, um chamamento, não é!?

- É mesmo! Mas sabes, minha filha, o mar é como o “homem”, tem lá as suas regras... tanto nos afaga, como nos afoga!

- Olha, avô: li um livro, quase todo ele passado no mar. Mexeu comigo!

Chama-se “O Velho e o Mar”. Escrito por Ernest Hemingway, um homem de palavra e da palavra.

- Imagina, o mar, sempre imprevisível, e um velho e pobre pescador, só, o seu barquito a remos e vela já muito remendada...

Para comer, apenas uma garrafa de água.

Certo dia, muito necessitado do seu ganha-pão, e profundamente desgostoso com a injusta troça dos seus pares, por nada conseguir há já muitos dias, o Velho, ainda madrugada alta, fez-se ao mar alto... estava disposto a resgatar a sua dignidade ferida, pessoal e profissional. Era o tudo ou nada.

Como trunfo maior, levava a sua longa experiência, a sua paciência infini-

ta, a humildade da sua insignificante pequenez, a mestria no equilíbrio da resistência física

e emocional... ele sabia que, no mar, quem desiste, morre!

Na dura luta, entre estes dois amigos íntimos, o mar, premiou-o como jamais o fizera a alguém, naquela zona. A seguir, destronou-o... qual combate sem tréguas!

Ou seja, obrigou o velho a lutar pela sua faina, e depois, a ter que a defender da fauna predadora!

O nosso herói, exausto, já tido como desaparecido, chegou à sua cabana, com a honra resgatada, por ter alcançado, tal feito... mas sem glória... nada tinha para dar e vender!

Pois é... é no mar que melhor compreendemos a vida na terra!!!

Olha, avô, por analogia, todos os dias vejo casos destes! Este livro é mesmo uma gramática, para ler a natureza humana!

- Emprestas-mo, minha querida? E atravessei eu a vida sem o ler!

- Claro, ofereço-to, avô.

- Obrigado, Constança, por seres a pessoa que és!



*José Maria Dias Costa*

## Homenagem a José de Castro

No dia 16.11.25, pelas 16 horas, realizou-se a habitual romagem ao Monumento a José de Castro. Foram depositadas duas coroas de flores, da CMO e da UFOPAC, pelo vogal da UFOPAC, Miguel Campos em substituição da Sra. Presidente da UFOPAC, Dra. Madalena Castro.

O representante tomou a palavra para agradecer a presença dos familiares e amigos de José de Castro, e referiu a importância deste ato, que anualmente se repete, por iniciativa de “A Voz de Paço de Arcos”, com o apoio da UFOPAC e da CMO, anunciou que a partir de fevereiro próximo se inicia a atividade regular de teatro no Centro Cultural José de Castro.

A sessão foi encerrada por José Marreiro, A Voz de Paço de Arcos, que agradeceu, também, a presença de todos e congratulou-se pelo anúncio do início da vida do Centro Cultural José de Castro, o que é uma boa notícia para a Vila e, para a região.

Seguidamente, no Centro Cultural tivemos a representação da peça “BlackBird”, pelo grupo “Quartel 41”, a quem fica entregue a gestão do espaço.

Com a sala cheia, que no



fim aplaudiu de pé e entusiasticamente, assistiu-se a uma condigna homenagem ao ator José de Castro.

Os nossos agradecimentos, em especial ao Diogo Mesquita, responsável, e desejos dos maiores êxitos ao grupo que tem no seu caminho um exigente projeto que, esperamos seja acompanhado com interesse e carinho, tão necessários ao vosso trabalho ao serviço da cultura da região.

*José Marreiro*

*Fotos Luís Amorim excepto onde indicado*



## Pequena resenha sobre os antibióticos

Os antibióticos vieram revolucionar a nossa qualidade de vida desde o século passado, permitindo ganhar uma luta que há muitos anos se vinha tendo com o nosso meio ambiente. Houve realmente outras descobertas, como os anticoncepcionais, que também marcaram a época moderna, mas sem dúvida que a luta com os microrganismos envolventes ou a biota, foi um momento decisivo na história da medicina, o de poder salvar vidas.

Durante a 2ª guerra mundial, o aparecimento da penicilina, foi um momento crucial na luta contra as infecções ocorridas durante as sangrentas batalhas. Foram evitadas muitas mortes devido a septicemias recorrentes dos desastres ocorridos nas batalhas.

Mas como tudo na vida, as coisas boas vão perdendo impacto e integram-se no nosso dia a dia, perdendo evidência, embora a sua utilidade permaneça essencial.

A utilização dos antibióticos tornou-se um modo natural de lutar contra as infecções, não só quando atacados, como também como meio de prevenção de futuros ataques. Esta nova forma de encarar o inimigo, tornou este meio de defesa, universal e de controlo difícil, por ser de fácil utilização. Os antimicrobianos, os antivírus ou os antifúngos, têm vindo a ser utilizados de forma maciça e indiscriminada, abrangendo todas as situações em que se perfila uma possível contaminação. Nos meus primeiros anos de faculdade, nas aulas de microbiologia, tive um contato mais próximo com esta matéria e lembro-me dos primeiros ensinamentos que nos foram prestados

nas aulas práticas.

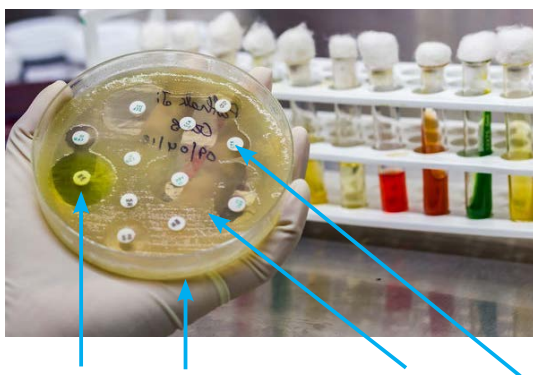
Em bacteriologia, é importante referenciar o tipo de bactérias que está presente e a primeira etapa para o efeito, consiste na distinção entre as bactérias **Gram+** e **Gram-**. Trata-se de um processo de coloração laboratorial que permite a distinção e classificação das bactérias em duas grandes famílias. Ela pode ser utilizada em complemento com outras para identificar as bactérias patogénicas específicas (por exemplo, os *Staphylococcus* são Gram+ e as *Escherichia coli* são Gram-). Este ensaio permite também avaliar o seu poder patogénico e orientar a escolha do tratamento antibiótico.

Em continuação, procede-se à colheita de uma amostra com um estilete em forma de ansa, previamente esterilizado pela chama do bico de busen. Espalha-se a amostra (sangue, urina, saliva, catarro, fezes ou células do órgão contaminado pelos microrganismos) num disco de Petri com gelatina. Depois coloca-se numa estufa a 37°C durante um determinado tempo (24 horas). Procede-se à verificação das colónias desenvolvidas e identifica-se o agente infeccioso. As colónias normalmente são diferentes umas das outras, o que permite isolar o agente infeccioso. Depois, na sequência, recorre-se a outra aplicação semelhante, mas inseminando a gelatina com as bactérias específicas determinadas e recolhidas anteriormente. Seguidamente, estas são aplicadas sobre a superfície onde foram espalhadas as bactérias, em pequenos cilin-



dros de papel embebidos com vários antibióticos de referência (como se pode ver na imagem). Após desenvolvimento na estufa, procede-se à leitura e verifica-se qual o antibiótico mais eficaz na sua capacidade inibidora no desenvolvimento da bactéria isolada. Chama-se a este teste, **antibiograma**.

O **antibiograma** determina o perfil de sensibilidade e resistência das bactérias aos antibióticos de referência. No laboratório, como referido, as amostras são processadas e cultivadas para avaliar o crescimento dos microrganismos. Depois, através do resultado do antibiograma será possível indicar qual o antibiótico mais indicado para tratar a infeção, evitando assim, o uso de antibióticos desnecessários ou não adequados e o surgimento de resistências.



*Antibiograma - Caixa de Petri - gel infetado, disco com antibiótico e zona de inibição de crescimento das bactérias*

**Por que é necessário identificar o antibiótico mais adequado?**

O uso de antibióticos que não são adequados e eficazes em relação a um determinado microrganismo, para além de não promoverem o tratamento da doença da pessoa, favorece o desenvolvimento de mecanismos de resistência microbiana, pro-

blema gravíssimo que atualmente preocupa os sistemas de saúde.

Por este mesmo motivo, é muito importante não utilizar de forma desnecessária, antibióticos sem a orientação do médico ou do farmacêutico. Essa prática do consumidor mal informado, leva a criar microrganismos mais resistentes, diminuindo as opções dos antibióticos atualmente disponíveis para combater as infeções. De uma forma mais simples, podemos dizer que os microrganismos têm capacidade de criar defesas contra esses antibióticos, reduzindo a capacidade antibiótica.

### **Tipos de antibiograma**

Para além do sistema descrito anteriormente, existe um outro processo com a mesma finalidade pelo que o antibiograma pode ser realizado de duas maneiras:

- **Antibiograma por difusão em gelatina:** conforme referido anteriormente, são colocados pequenos discos de papel que contêm diferentes antibióticos sobre uma placa de Petri com meio de cultura apropriado para crescimento do agente infeccioso que foi espalhado previamente à superfície. Após algum tempo, é verificado se houve ou não crescimento em volta do disco. Este processo, torna mais fácil a verificação da eficácia do antibiótico.

Na ausência de crescimento ao redor do disco, diz-se que o microrganismo é sensível àquele antibiótico, sendo considerado este o mais indicado para o tratamento da infeção;

- **Antibiograma baseado em diluição:** neste procedimento existe um recipiente com concentrações diferentes de antibiótico, onde são colocados os microrganismos que serão analisados, e é determinada a

Concentração Mínima Inibitória (CMI) do antibiótico. O recipiente em que não foi observado crescimento microbiano corresponde à dose do antibiótico que deve ser utilizada no tratamento, já que impediu o desenvolvimento do microrganismo.

Atualmente, nos laboratórios, o antibiograma é realizado por um equipamento automatizado em que são feitos testes de resistência e sensibilidade. A leitura do resultado informa quais os antibióticos a que o agente infeccioso foi resistente e os que foram eficazes no combate ao microrganismo e em que concentração.

Outra informação importante quanto aos antibióticos, tem a ver com a sua forma de atuar, seja inibindo ou impedindo o desenvolvimento microbiano. O efeito pretendido é o mesmo, mas a forma de atuar é totalmente diferente. Podemos, pois, considerar os antibióticos que impedem o micróbio de se desenvolver, os *bacteriostáticos*, e os antibióticos *bactericidas* os que destroem os micróbios. São mecanismos diferentes e que requerem uma explicação biológica muito específica. Para o efeito pretendido, ambos são eficazes, pois impedem a infecção de progredir, logo permitem a cura do doente. **Atenção!** Os antibióticos são indicados para as infecções microbianas, e para as constipações que são provocadas por vírus, portanto não são minimamente atingidos pelos antibióticos antimicrobianos.

Se somarmos ainda, todo um conjunto de situações semelhantes, em que se toma antibiótico por tudo e por nada, estamos justamente na espiral de um fenómeno que nos preocupa a todos, não só porque os micróbios podem criar multirresistências, como atualmente se verifica, como cada

vez há maior dificuldade em encontrar o antibiótico mais eficaz para uma determinada situação infecciosa. Mas existe uma outra situação a considerar e que evoluiu com a descoberta de novos antibióticos de largo espectro.

### Os antibióticos de largo espectro

Os antibióticos de amplo espectro são medicamentos que agem contra uma grande variedade de bactérias, tanto gram-positiva quanto gram-negativa. Eles são frequentemente usados quando a causa da infecção não foi identificada ou quando a infecção é causada por uma variedade de microrganismos e se verifica uma certa urgência em debilitar uma infecção instalada.

No entanto, o uso desses antibióticos pode ter algumas consequências, tanto benéficas quanto prejudiciais. Aqui estão algumas das principais considerações:

O uso desse tipo de tratamento costuma ser rápido e eficaz na maioria dos casos: acabam por ser úteis quando o agente patogénico não foi identificado e se verifica uma infecção avançada ou quando há uma infecção polimicrobiana (causada por mais de um tipo de bactéria). Em casos de infecções graves ou em situações em que os exames para identificação do patógeno (micróbio infetante) demoram a ser elaborados, os antibióticos de amplo espectro podem ser administrados para tratar o paciente e evitar, naquele momento, um maior desenvolvimento da infecção. Situação muito usual, por exemplo, na clínica dentária. No entanto, existe sempre um efeito negativo que se verifica a nível geral do microbiota individual.

(continua no próximo número)

Eduardo Barata  
(professor auxiliar FFUL, aposentado)

# CONCURSO FOTOGRAFIA OEIRAS



Anote na sua agenda

## Em março estaremos de volta

[concursodefotografiaoeiras2026.online](https://concursodefotografiaoeiras2026.online)

ORGANIZAÇÃO



APOIO



OEIRAS  
CULTURA



## Natal Adiado

*é a notícia  
dos jornais de hoje  
sem mais explicações  
(afinal não necessárias)*

*o Presidente vai falar ao País  
explicará?  
não será preciso  
(afinal todos nós sabemos)*

*o motivo?*

*adiar o dia de natal  
talvez esperar  
um ano, dois anos  
(os anos necessários)*

*até que as nossas lágrimas  
se possam transformar  
em luzes de natal*

*as crianças não vão gostar  
mas vamos ter de lhes dizer*

*José Fernando Delgado Mendonça*

## Latan, latan

*Latan, latan,  
Quem lá vem pela manhã?  
IAP LATAN, IAP LATAN  
Na chaminé cheira a chulé!  
Muitas oferendas!...  
E as encomendas?  
Cornos de veado,  
Vinho quente apucarado,  
Cabresto caldeirado,  
Massajador abusado...  
E que mais?  
São os natais  
marginais  
colaterais  
imorais,  
do peru que se riu de mim  
tropeçou nas rabanadas  
desandou às gargalhadas  
e afocinhou nos quintais...  
Estes sim,  
são os natais  
transversais  
libidinais...  
LATAN, LATAN  
IAP LATAN, IAP LATAN*

*Emília Gomes da Costa e  
Maria de Abreu Morais*

**FUNERÁRIA CENTRAL  
DE PAÇO DE ARCOS**



Paço de Arcos

R. José Pedro Silva, n.º 2-B, 2770-107 Paço de Arcos - Tel.: 214 418 291

**Aristides Peixoto**  
Telem.: 919 711 023



E-mail: [gestifunebre.pacodearcos@gmail.com](mailto:gestifunebre.pacodearcos@gmail.com)

## Quotidiano

*Prefiro ficar e povoar a cidade  
dos sonhos que semeio  
Hoje  
só o silêncio enche as ruas  
e a música que multiplica as casas  
perde-se na madrugada  
O amor  
vem-me da saudade das papoilas  
que rasga as semanas  
e liberta o sol ao meio-dia  
Como quem dança entre as fogueiras  
ateio as minhas vozes  
para não morrer de solidão  
E cresço  
debaixo dum sol branco  
que o trigo amadurece  
e envelhece comigo*

*Emília Gomes da Costa*

*Que a LUA CHEIA  
(da Tua  
ILUSÃO...)  
Ilumine  
Esta ALDEIA  
(na  
IMENSIDÃO...)  
Que a LUZ do SOL  
(entre Tuas Mãos)  
Seja um FAROL  
(para  
NOSSOS IRMÃOS !...)*

*Santos Zoio  
13.10.2021*

## No coração do dia

*No coração do dia percorri com os dedos  
gelados todo o discurso das árvores ausen-  
tes no caminho.  
Pouco a pouco as folhas  
foram-se dando ao infinito e  
a luz tombou nos contornos do tempo.  
Onde estariam agora esses seres diferentes  
duma existência que a luz dourada pene-  
trou?  
Soprou então um vazio perfumado  
cheirando a terra e a orvalho.  
Granitos e granizos cobriram esses rostos  
que nem espelhos recordam já.  
O contorno do amor tocou o impossível  
despedindo-se das fronteiras e  
esvoaçando nos espaços onde o sol pausa  
ardendo. Quem teme o amor breve e a  
paixão do tempo ?  
Loucura do grito dizimado pelo rigor  
tu és o vento e o eterno!*

*Graça Patrão*

## Natal

*Natal é quando  
envolvemos os outros num abraço quente  
quando damos um sorriso a quem está triste  
quando damos o nosso pão a quem não o tem  
quando à nossa volta espalhamos alegria  
quando aliviámos a dor de quem sofre  
quando acendemos uma luz de esperança a  
quem está desesperado  
quando abraçamos os que nunca são abraçados  
quando exigimos justiça para os injustiçados  
quando envolvemos o mundo num manto de  
paz*

*Fátima Pissarra*

### Manuel Gusmão, um Poeta em Paço de Arcos

**N**ascido em Évora a 11 de Dezembro de 1945, licenciou-se em Filologia Clássica na Faculdade de Letras de Lisboa, com uma tese dedicada à poesia dramática de Fernando Pessoa.

Por esta altura, veio viver para Paço de Arcos, com a família, pais e irmãos, sendo a sua mãe professora no Liceu de Oeiras.

Dedicando-se à poesia, obteve o primeiro de muitos prémios literários em 1996, com a obra *Mapas, o assombro a sombra*, Prémio PEN Clube Português de Poesia.

Em 2001, com a obra *Teatros do Tempo*, ganha o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores. Com esta mesma obra é-lhe concedido, no ano seguinte, o Prémio de Poesia Luís Miguel Neiva.

Entretanto, do ponto de vista académico, obtém o doutoramento com uma tese dedicada a Francis Ponge, autor de quem traduz a poética. Nomeado professor catedrático da Faculdade de Letras, começa a dar aulas de Literatura Portuguesa e Francesa, e Teoria da Literatura. Torna-se então, membro da Associação Internacional de Literatura Comparada, e também, fundador da Associação Portuguesa de Literatura Comparada.

Colabora em diversas publicações literárias como: *O Tempo e o Modo*, *Letras e Artes*, *Jornal Crítica*, *Vértice*, e *Ípsilon*. Fundou as revistas *Ariane* e *Dedalus*.

Em 2005, recebe o Prémio Vergílio Ferreira pelo conjunto da sua obra literária. Em 2008, ganha pela segunda vez o Prémio PEN Clube Português de Poesia com *A Terceira Mão*, obra com que no ano seguinte ganha o Grande Prémio de Literatura DST.

Em 2011, ganha o Grande Prémio de Ensaio Eduardo Prado Coelho com *Tatuagem & Palimpsesto da poesia em alguns poetas e poemas*.

Em 2014, recebe o Prémio de Poesia António Gedeão com a obra *Pequeno Tratado das Figuras*. Também é da sua autoria o libreto da ópera com música de António Pinho Vargas, *Os Dias Levantados*, para a comemoração dos 25 anos do 25 de Abril de 1974.

Manuel Gusmão deixou-nos em 2023.

*José Aguiar Lança-Coelho*  
Licenciado e Mestre em Filosofia



## Farmácia NOVA-CAXIAS

Rua Bernardim Ribeiro, 1-A – 2760-016 CAXIAS – PORTUGAL  
Telem. 961523685 email: farmnova-caxias@hotmail.com

## Tempos de Oeiras

(continuação do número anterior)

**E**ntrando no recinto que nos revela o Palácio do Marquês de Pombal, vemos grandiosas escadas, logo a seguir a um terreiro, mas depressa procuramos os espaços bem mais arejados por estarem ajardinados às diárias visitas. As portas do piso térreo abrem-se para contemplarmos o amplo jardim que prolonga a zona de sociabilidade, com passeios, merendas, jogos, música e dança, os quais são, na sua pontual vez, parte da componente recreativa desta Quinta, a qual ainda exhibe vistosas cascatas, tanques, terreiro dos jogos e um pequeno cais, onde em tempos idos, permitia a navegação na Ribeira da Laje.

Nos jardins, observamos e fotografamos as várias peças de estatuária, os bustos de mármore, bem como vários muretes e es-



*Fachada do Palácio com estatuária*

cadarias revestidas de azulejos. As duas araucárias elevam-se para lá dos telhados e marcam a sua imponente localização na bela paisagem. É um cenário deveras romântico, a convidar aos passeios envolventes com natureza e arte.

Os azulejos contam histórias e as esculturas dançam e movem-se pela nossa frente, inspirando adicional escrever. Os painéis de estilo rococó, da segunda metade do século XVIII, na sua grande intensidade cromática que ornamenta os vários muros, escadarias e terraços, representam diversos motivos florais, geométricos e com as quotidianas cenas da vida dos tempos



*Vista parcial do Palácio, terraços e jardim (1950)  
No jardim, várias estátuas representando a mitologia grega e romana.*

*Ref.: [PT/MOER/MO/NF/002/000112]*



*Vista do Palácio com as araucárias*



*Jardim com lago*

distantes. Ainda realce para as caçadas, os passeios na ribeira e as corridas de fidalgos em falcoarias e montarias, bem como temas mitológicos, todos estes pormenores estando presentes nas histórias dos inúmeros azulejos.

Caminhar por estes jardins é uma viagem no tempo, onde se pode conviver com as hortas, os lagares e a flora abundante, um digno expoente da concepção barroca.

Quanto ao material dito vegetal, temos por seguinte lista de nomeada: acácia, araucária, árvore-da-borracha, castanheiro-da-índia, choupo-branco, choupo-negro, cipreste, dragoeiro, eucalipto, figueira, freixo, jacarandá, laranjeira, lódão-bastardo, magnólia, nespereira, olaia, oliveira, palmeira, palmeira-das-canárias, plátano, romãzeira-de-jardim.



*Fonte de Embrechados*

Após imagem do palácio, registada com a pretensão de mostrar quase a sua íntegra dimensão, caminhamos à sombra, perto de pequeno lago, até darmos ideal aproximação à célebre Fonte de Embrechados, a qual nos diz tão convicta que, inspirados nos mosaicos romanos, os embrechados são elementos decorativos que surgem nos jardins, em fontes e casas de fresco, compostos por belos desenhos formados com conchas, pedaços de loiça, pires, pratos, pedras semipreciosas ou pedaços de espelho.

Continuando em agradável saudável caminho, procuramos a ponte que fica mais próxima e que nos levará até ao outro lado deste grandioso jardim, recordando como seria o percurso em tempos antigos, para depois fazermos o regresso ao presente, na brevidade possível ao formato de crónica.

(continua no próximo número)

*Luís Amorim*  
(*escreve de acordo com a antiga ortografia*)

*Fotos do Autor excepto onde indicado,  
sendo a restante imagem cedida  
pelo Serviço do Arquivo Municipal de Oeiras*

## Homenagem a Sócios

No passado dia 26 de novembro, realizou-se a Sessão Solene comemorativa do 104º Aniversário do Clube Desportivo de Paço de Arcos (CDPA), nas instalações da Assembleia Municipal de Oeiras. Pela primeira vez na sua história, esta cerimónia não pôde ser realizada no salão nobre do clube, por precaução, devido às dúvidas que recaem sobre a solidez do estuque do teto daquele salão.

No início da Sessão, foi observado um minuto de silêncio em memória de todos os sócios falecidos no último ano, com especial referência ao Sócio Carlos André e ao Sócio nº 1 do clube, Comandante José Lynce Moreira Rato.

Durante a cerimónia, foram entregues medalhas e diplomas aos campeões e vice-campeões das diversas modalidades, referentes às épocas 2023/2024 e 2024/2025. Foram igualmente atribuídos os emblemas de sócio de prata (25 anos) e de ouro (50 anos), destacando-se entre os 18 emblemas atribuídos, José Albano Frade, Natércia Correia, Maria João Reis e, num momento especial, mãe e filho, Josefina Canas Pereira e Nuno Canas Pereira, que recebeu o emblema das mãos do seu pai. Por fim, os emblemas de sócio diamante (75 anos), distinguiram Rui Antunes Pinhão, Raul Filipe Carvalhal Rebelo e Pompeu Benigno Martins Carranca, que do alto dos seus 90 anos, pediu a palavra e com uma eloquência digna de registo, deixou uma mensagem clara e direta aos jovens atletas presentes, realçando a vivência no Clube, a camaradagem no balneário e o respeito pelos treinadores e dirigentes. Fiel a si próprio, não deixou de agradecer ao Clube, tudo o que



este lhe proporcionou: os amigos que fez, as viagens e passeios realizados, as fortes emoções vividas e, sobretudo, a ajuda fundamental na formação do seu carácter. Um agradecimento sentido e profundo, vindo de quem tanto deu ao clube, como atleta e dirigente.

Pompeu Carranca assumiu a presidência do Clube pela primeira vez, em 23/02/1972, liderando a Direção nos anos de 1972, 1973, 1978 e 1979. Começou a praticar o Hóquei em Patins com 14 anos, tendo obtido uma autorização especial para jogar nos juniores com essa idade, conquistando diversos títulos nacionais e regionais. O único castigo sofrido em toda a sua carreira foi uma expulsão de 2 minutos num jogo contra a CUF, tendo o árbitro pedido desculpa no final por ter sido induzido em erro pelo adversário. Foi ainda atleta de Tênis de Mesa, Andebol, Voleibol, Natação e Futebol, modalidade na qual esteve a “dois passos” de ingressar no Belenenses. Participou também nos grupos cénicos do Clube Desportivo de Paço de Arcos. Despediu-se da ativi-

dade desportiva em 1965, após um acidente automóvel que o impossibilitou para a prática do Hóquei em Patins. Calçou os patins pela última vez, com alguma dificuldade, em 06/08/1966, por ocasião da merecida festa de homenagem realizada no ringue “Leocádio Pórcio”.

Foi seccionista da Biblioteca e da Patinagem Artística, que fundou e apoiou durante 3 anos. Participou em diversas Comissões de Festas e iniciativas de angariação de fundos, tendo criado a regra: “Se tiver lucro é do Clube, se tiver prejuízo é de quem organiza”. Treinou a equipa sénior do CDPA, a pedido da direção e dos próprios atletas.

Foi um dos melhores Presidentes da Direção do Clube, um negociador nato sempre acompanhado por uma forte capacidade agregadora e dinâmica de iniciativa. Em 1972/73, teve o privilégio de ver concretizadas duas das maiores aspirações do CDPA: a inauguração do Pavilhão Gimnodesportivo e a construção do Pavilhão Náutico, numa configuração que hoje cresceu, sobretudo em altura. A inauguração do Pavilhão Gimnodesportivo foi atribuída, devido a problemas entre o Governo Civil de Lisboa, a Câmara Municipal de Oeiras e a empresa J. Pimenta. Muito graças à sua intervenção e à colaboração do construtor João Pimenta, foi possível normalizar a ce-



dência da infraestrutura para utilização do Clube, conquistando assim a tão desejada “catedral do desporto”. O Pavilhão Náutico foi conseguido, em grande parte, com verbas obtidas através das dinâmicas do Clube nas Festas do Senhor Jesus dos Navegantes, por sua iniciativa e preciosa colaboração.

Pompeu Carranca é Sócio de Mérito desde 20/06/1974 e detentor da Medalha de Ouro de Mérito e Dedicção, atribuída em 1966.

**Obrigado, Sr. Pompeu Benigno Martins Carranca. É um exemplo vivo do que significa ser do CDPA.**

*Luís Teixeira de Morais*



**RESTAURANTE PARAÍSO DE CAXIAS**

**Take-Away**

**Estrada da Gibalta, N.º 18, C. Comercial, loja 4 CAXIAS**

**Telef.: 216 015 752 Telem.: 914876 154**

## Luís Ferreira

**L**uís Ferreira, nascido a 14 de Março de 1982, foi desde pequeno confrontado com o facto de pertencer a uma família de viajantes e aventureiros. Desde um bisavô que partiu para a América em busca de uma vida melhor, quatro avós que foram viver em Angola e os seus pais que se dividiram entre Portugal, África e América do Sul. O espírito viajante está-lhe nos genes.



Foi aos dezasseis anos que saiu na sua primeira experiência de viagem, foi até à Eslováquia, integrado num intercâmbio cultural que fez questão de retratar, ainda em negativos, e foi aí que a fotografia começou a correr nas suas veias.

Seguiu desde cedo o ramo das Artes e formou-se em Design Industrial no IADE, em 2005. A vida encaminhou-o para aprofundar os conhecimentos de multimédia e foi aí que se estabeleceu até agora.

O seu trabalho procura retratar um mundo quase invisível e de uma beleza raramente



vista. A busca da relação que cria com os seres que fotografa, ajuda-o a fazer a ponte entre o homem e a natureza para a sensibilização da sociedade no que respeita à conservação e valorização das espécies.

Tem sido um colaborador habitual da National Geographic Portugal e é frequente encontrá-lo a dar palestras nos mais conceituados Festivais relacionados com Natureza, em Portugal.

Tem desenvolvido diversos projetos fotográficos e videográficos para ONG's, municípios, fundações e instituições que reconhecem a qualidade do seu trabalho.

Tem sido ainda líder de viagens-aventura, especializadas em impacto cultural, como é o exemplo da Índia e Noruega.

*Luís Ferreira*  
*Fotos do autor*



## Oeiras por quem a vê

Fotografias de Lina Rock  
[instagram.com/rocklina](https://www.instagram.com/rocklina)  
[facebook.com/lina.rock.184](https://www.facebook.com/lina.rock.184)



Fig. 1 - Praia dos Pescadores, Paço de Arcos

Fig. 2 - Geiser e Arco-Íris, Paço de Arcos

Fig. 3 - Festa, Paço de Arcos

Fig. 4 - Reflexo, Oeiras

Fig. 5 - Pórtico, Oeiras



## Maria João Coutinho na Biblioteca Operária Oeirense

Na Biblioteca Operária Oeirense, na noite de 11 de dezembro de 2025, teve lugar o encontro com Maria João Coutinho, à volta do seu livro “Portas e Janelas – Geografias do imaginário”, Os Livros de Oeiras, 2024.

Na presença da autora e de alguns amigos que escreveram textos, foi rememorada a aventura proposta por Maria João, de entrelaçar a escrita da luz, a fotografia, com a escrita literária.

A autora foi apresentada pela Presidente da Biblioteca e foram lidos por Maria

João, textos da própria e de autores não presentes, do Brasil, Angola, Moçambique, Portugal, Polónia, Ucrânia e convidando alguns autores presentes a ler os seus textos: Maico (Carlos Pimenta), Adelino Cardoso, Simion Doru Cristea.

Foram lidos também, a Mensagem do Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Isaltino Morais e o Depoimento de sua Excelência, o Presidente da República, Prof. Marcelo Rebelo de Sousa, também incluídos no livro.

*Simion Doru Cristea*

**TEATRO POLITEAMA**

*La Fera*

**HÉRCULES**  
MUSICAL HEROICO

**PARA TODA A FAMÍLIA**

3ª a 6ª feira às 10h, 11h e 14h (para Escolas)  
e Sábados e Domingos às 11h e às 15h (para toda a Família)

Reservas: 213 405 700 - 964 409 036 - politeama.bol.pt

(Chamada para rede fixa nacional - Chamada para rede móvel nacional)

### O Calendário dos Momentos de Vida Especiais

**A**s datas emblemáticas, novas ou tradicionais, de festas populares ou dias com significado especial, acompanham-nos para além das memórias do passado ou que reinventamos no presente. Nos primeiros meses do ano que se aproxima, temos: o Ano Novo, o Dia de Reis, o Dia dos Namorados, o Carnaval e até a Páscoa. Em qualquer destas datas, temos a preocupação de festejar a mesa com aqueles que mais gostamos e procuramos saborear aquilo que, nesse

dia, tem um significado especial, em termos gastronómicos.

Essas datas são, um pretexto para partilharmos sabores, emoções e, mesmo para encurtar laços que unem famílias e reúnem amigos.

*Celebremos então o dia dos Namorados, que deve durar mesmo depois do casamento e, para sempre.*

### *Prato Principal Vol-Au-Vent De Queijo De Cabra Com “Frutos Amorosos”*

#### **Ingredientes:**

- 500 gr. de massa folhada
- 1 Ovo
- 1 Queijo de cabra
- 200 gr. de “frutos amorosos”
- 100 gr. de açúcar
- Gengibre q.b.
- 300 gr. de Rúcula Selvagem
- Espinafres frescos (1 embalagem)

#### **Preparação:**

Corte a massa folhada em forma de coração, com ajuda de um molde;

Pincele com gema de ovo e leve ao forno a 220°C durante 20 a 25 minutos;

Faça a compota com bastante amor: num tacho, junte os frutos amorosos com o açúcar e o gengibre ralado até ficar menos doce e mais acre. Cozinhe durante 20 minutos;

A finalizar, coloque num prato com decoração alusiva ao dia dos namorados, a rúcula, o queijo de cabra, os vol-au-vent e acompanhe com a compota de frutos amorosos.

### *Sobremesa Espetada de Fruta envolvida em Chocolate Negro com passas amorosas*

#### **Preparação:**

Derreta o chocolate em banho “carlota”, com 50 ml de natas e reserve;

Corte a fruta em forma de coração “sofrido”;

Espete pedaços da fruta em pauzinhos e passe a espetada pelo chocolate negro de

um lado e do outro com as “passas amorosas”;

Decore as espetadas, com toda a sua imaginação e, leve ao frigorífico por alguns minutos, para “amenizar o fervor” do chocolate negro.

*Catulina Guerreiro*

## Mais de 50 anos de experiência em artes gráficas

Especialistas em obra de  
livro e serviços de  
impressão offset para  
empresas de embalagem.

Livros, revistas, catálogo,  
brochuras, embalagens em papel,  
desdobráveis, blocos, flyers,  
estacionários, entre muitos outros.



*Imprimimos a memória do futuro*



[artipol.net](http://artipol.net)

Rua da Barrosinha, nº 160 . Barrosinha . 3750-742 Segadães, Águeda





# WORLD PRESS CARTOON

O E I R A S 2 0 2 5

## EXPOSIÇÃO

### 8 NOVEMBRO • 8 FEVEREIRO

### PALÁCIO ANJOS, ALGÉS

